



Fortes D'Aloia & Gabriel

Frieze New York 2026

May 13 - 17
Booth B14

For Frieze New York 2026, Fortes D'Aloia & Gabriel presents works by Luiz Zerbini, Frank Walter, Lucia Laguna, Valeska Soares, Wanda Pimentel, Erika Verzutti, Jesse Wine, Rodrigo Cass, Tadaskía, and Ana Cláudia Almeida.

A dialogue between **Zerbini's** and **Walter's** paintings activates the presentation, revealing unexpected affinities across geographies and histories. Both artists approach landscape not as a fixed genre but as a field of perception, at once empirical and speculative, where observation becomes a means of constructing worlds. From there, the booth unfolds through multiple approaches to landscape and space, where distinct positions coexist without hierarchy.

Lucia Laguna develops a fractured, rhythmic vision in which urban and forest environments collapse into one another, while **Valeska Soares** constructs a horizon through reconfigured wooden boxes, assembling a terrain shaped by memory and spatial dislocation. In **Wanda Pimentel**, animals emerge as possible inhabitants of these environments, activating them as both graphic field and lived terrain. **Erika Verzutti** introduces a sculptural logic that oscillates between the organic and the mineral, suggesting forms that seem at once excavated and generative, as if part of an unfolding landscape. In the work of **Ana Cláudia Almeida** and **Tadaskía**, landscape becomes less a site than a condition approached through spiritual openness and material experimentation, where gesture, color, and surface articulate expansive, nonliteral terrains. Landscape turns inward in the work of **Jesse Wine** and **Rodrigo Cass**, who shift the focus from environment to the conditions of space itself—probing its relation to the body, perception, and duration. Across these positions, the booth traces a movement from landscape as image to space as experience, where external and internal dimensions continuously fold into one another.

Para a Frieze New York 2026, Fortes D'Aloia & Gabriel apresenta obras de Luiz Zerbini, Frank Walter, Lucia Laguna, Valeska Soares, Wanda Pimentel, Erika Verzutti, Jesse Wine, Rodrigo Cass, Tadaskía e Ana Cláudia Almeida.

Um diálogo entre as pinturas de paisagem de **Zerbini** e **Walter** ativa a apresentação, revelando afinidades inesperadas entre geografias e trajetórias distintas. Ambos os artistas abordam a paisagem não como um gênero fixo, mas como um campo de percepção, ao mesmo tempo empírico e especulativo, no qual a observação se torna um meio de construção de mundos. A partir daí, o estande se desdobra por meio de múltiplas abordagens da paisagem e do espaço, nas quais posições distintas coexistem sem hierarquia.

Lucia Laguna desenvolve uma visão fragmentada e rítmica, na qual ambientes urbanos e florestais se entrelaçam, enquanto **Valeska Soares** constrói um horizonte por meio de caixas de madeira reconfiguradas, compondo um terreno marcado pela memória e pelo deslocamento espacial. Em **Wanda Pimentel**, os animais surgem como possíveis habitantes desses espaços, ativando-os como campo gráfico e território vivido. **Erika Verzutti** introduz uma lógica escultórica que oscila entre o orgânico e o mineral, sugerindo formas que parecem simultaneamente escavadas e em formação, como parte de uma paisagem em processo. No trabalho de **Ana Cláudia Almeida** e **Tadaskía**, a paisagem deixa de ser um lugar para se tornar uma condição, abordada por meio de uma abertura espiritual e de uma exploração material, em que gesto, cor e superfície articulam territórios expandidos e não literais. A paisagem se volta para dentro no trabalho de **Jesse Wine** e **Rodrigo Cass**, que deslocam o foco do ambiente para as próprias condições do espaço, investigando sua relação com o corpo, a percepção e a duração. Entre essas diferentes posições, o estande traça um movimento que vai da paisagem como imagem ao espaço como experiência, no qual dimensões externas e internas se dobram continuamente umas sobre as outras.

Frank Walter



This group of paintings by Walter unfolds from a lifelong engagement with landscape, shaped by his movements across Antigua, the wider Caribbean, and Europe. Working often on a small scale, Walter captures the shifting moods of different environments with an eye attuned to both detail and atmosphere. Hillsides, coastlines, skies, and built forms appear with a deceptive simplicity, their compressed formats holding a remarkable sensitivity to light, color, and spatial rhythm. Filtering these experiences through memory, his works distill the essence of places encountered, transforming them into meditations on belonging and imagination.

At once observational and introspective, these paintings operate as sites of projection, where external environments merge with an inner, cosmological dimension. Walter's landscapes frequently resist stable orientation, opening onto ambiguous or suspended spaces that hover between the seen and the envisioned. This tension between specificity and abstraction allows each work to function as both a record and a reconstruction, where perception is continuously reshaped through memory and imagination. Together, the paintings articulate a vision of landscape as a mutable field, shifting between observation, recollection, and invention.

Um conjunto de pinturas de Walter se desdobra a partir de um engajamento contínuo com a paisagem, moldado por seus deslocamentos entre Antígua, o Caribe e a Europa. Trabalhando frequentemente em pequena escala, Walter capta as variações de diferentes ambientes com um olhar atento tanto ao detalhe quanto à atmosfera. Encostas, litorais, céus e formas construídas aparecem com uma simplicidade enganosa, em composições compactas que revelam grande sensibilidade à luz, à cor e ao ritmo espacial. Ao filtrar essas experiências pela memória, suas obras destilam a essência dos lugares vividos, transformando-os em meditações sobre pertencimento e imaginação.

Ao mesmo tempo observacionais e introspectivas, essas pinturas operam como espaços de projeção, nos quais ambientes externos se fundem a uma dimensão interior, de caráter cosmológico. As paisagens de Walter frequentemente recusam uma orientação estável, abrindo-se para espaços ambíguos ou suspensos, que oscilam entre o visto e o imaginado. Essa tensão entre especificidade e abstração faz com que cada obra funcione como registro e reconstrução, em que a percepção é continuamente reelaborada pela memória e pela imaginação. Em conjunto, as pinturas articulam uma visão da paisagem como um campo mutável, em constante deslocamento entre observação, lembrança e invenção.

FRANK WALTER

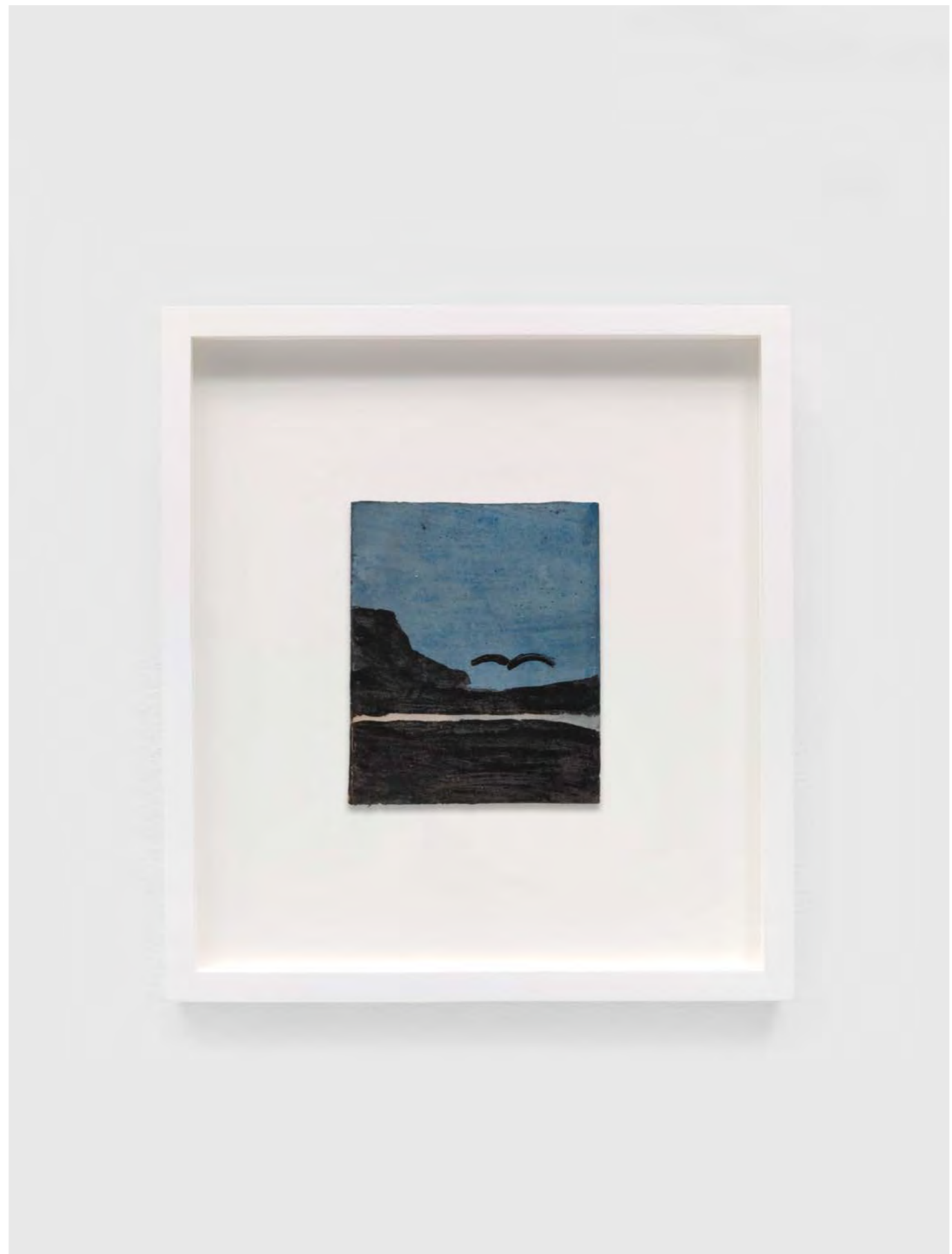
Untitled [Solo Black Bird Flying Low], s/d [n/d]

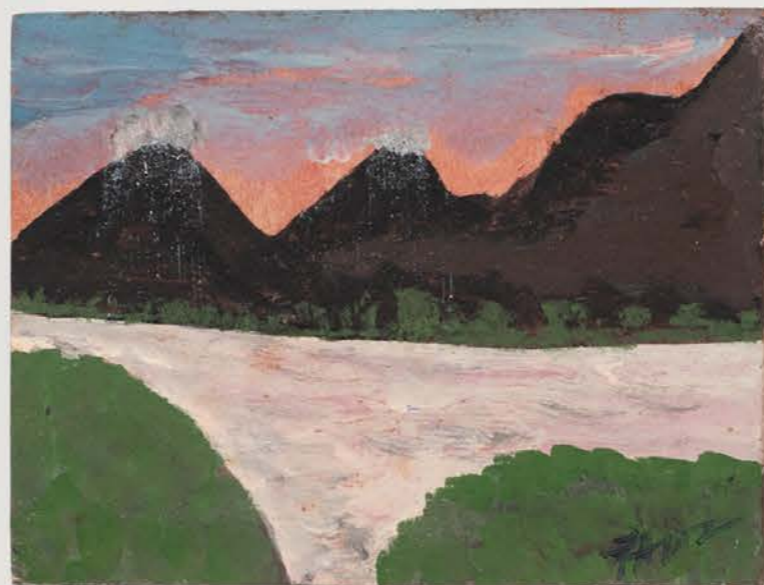
Óleo sobre caixa de filme Polaroid [Oil on Polaroid film cartridge box]

Emoldurada [Framed]: 22.5 x 21 x 4 cm [8.8 x 8.2 x 1.5 in]

Sem moldura [Unframed]: 10 x 8.1 cm [3.9 x 3.1 in]

USD 18,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]





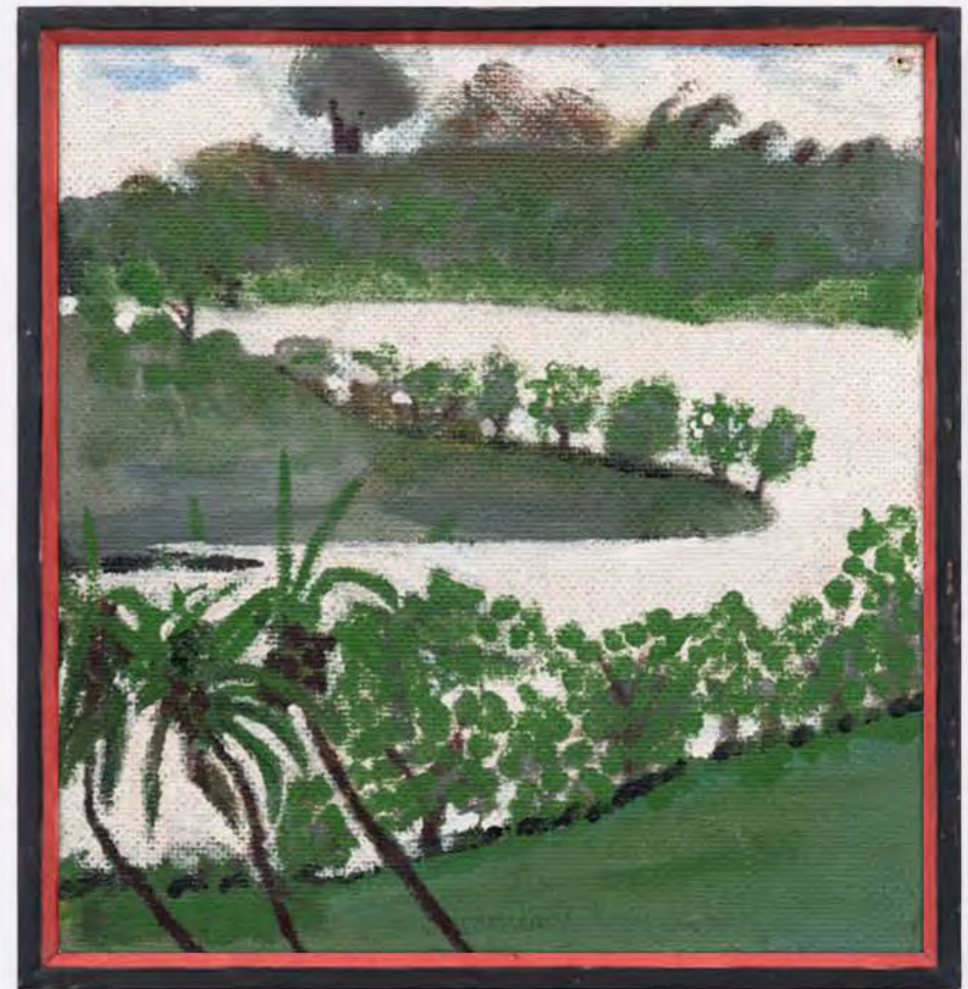
FRANK WALTER

Untitled [Mountains and White Water], n.d. [s.d.]

Óleo sobre papel cartão [Oil on cardstock]

Emoldurada [Framed]: 20 x 22.5 x 4 cm [7.8 x 8.8 x 1.5 in] | Sem moldura [Unframed]: 7.7 x 3 x 3.9 in]

USD 15,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



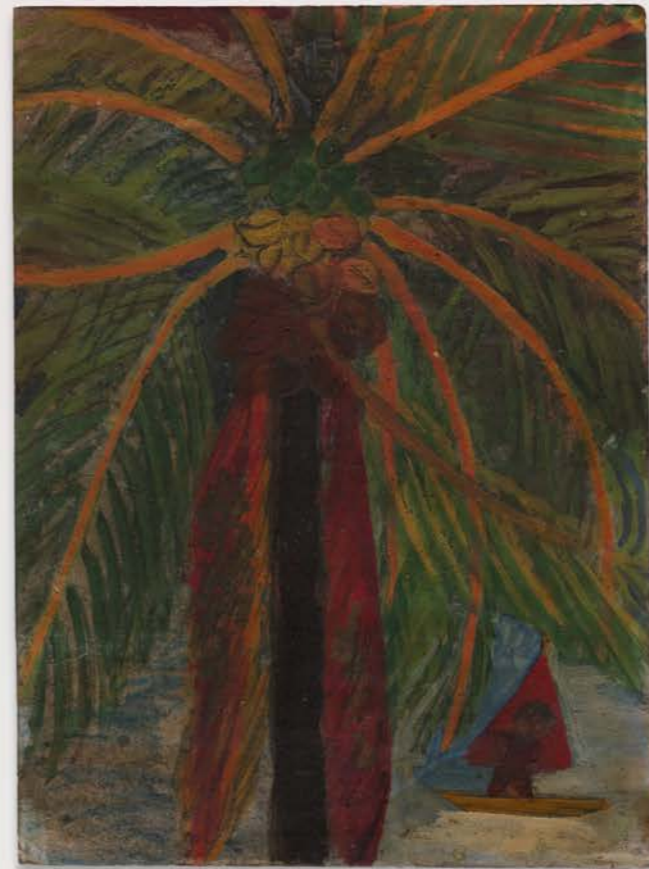
FRANK WALTER

River with Landscape, s/d [n/d]

Óleo sobre tela de fibras [Oil on Masonite]

26 x 24.5 cm [10.2 x 9.6 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



FRANK WALTER

Untitled [Coconut Palm Surfer], 1968-1976

Óleo sobre caixa de filme Polaroid [Oil on Polaroid film cartridge box]

Emoldurada [Framed]: 30 x 25.5 x 4 cm [7.8 x 10 x 1.5 in]

Sem moldura [Unframed]: 20.5 x 10.6 cm [8 x 4.1 in]

USD 35,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



FRANK WALTER

Untitled [Scottish Stream and Pink Flowers], 1984

Óleo sobre papelão [Oil on cardboard]

Emoldurada: 17.5 x 17.5 cm [6.8 x 6.6 in] | Sem moldura [Unframed]: 4,8 x 4,8 cm [1.8 x 1.8 in]

USD 18,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



FRANK WALTER

Untitled [Purple-Mauve Nocturne with Blue-Grey Sea], n.d. [s.d.]

Óleo sobre cartão [Oil on card]

Emoldurada [Framed]: 32 x 48 x 4 cm [12.5 x 18.8 x 1.5 in] | Sem moldura [Unframed]: 19 x 34.8 cm [7.4 x 13.7 in]

USD 42,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



FRANK WALTER

Untitled [Red Sunrise, Yellow Sea], n.d. [s.d.]

Óleo sobre cartão [Oil on card]

Emoldurada [Framed]: 30.2 x 46.2 x 4 cm [11.8 x 18.1 x 1.5 in] | Sem moldura [Unframed: 28.2 x 44.1 cm [11.1 x 17.3 in]

USD 58,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

Frank Walter

Antigua, Antigua and Barbuda, 1926 - Saint John, Antigua and Barbuda, 2009

Frank Walter's polymathic oeuvre has been established as one of the greatest in the Afro-Caribbean diaspora. In his work, he responded to motives in modern European art, explored cosmic space, and painted surrounding Caribbean landscapes. His works portray local horizons in Antigua and Barbuda, his native country, and spaces and portraits both real and imagined. Walter believed in the anthropological value of art, joining his psychological framework with an idiosyncratic view of world history. The polymathic artist intended that his music, poetry, and visual art serve as a means of curing others. His fifty-thousand-page archive—accumulated throughout his life—contains writings and recordings about tangible and psychic events in his life as well as conceptual musings on his artwork, gathering the multiple facets of his production in a world of references.

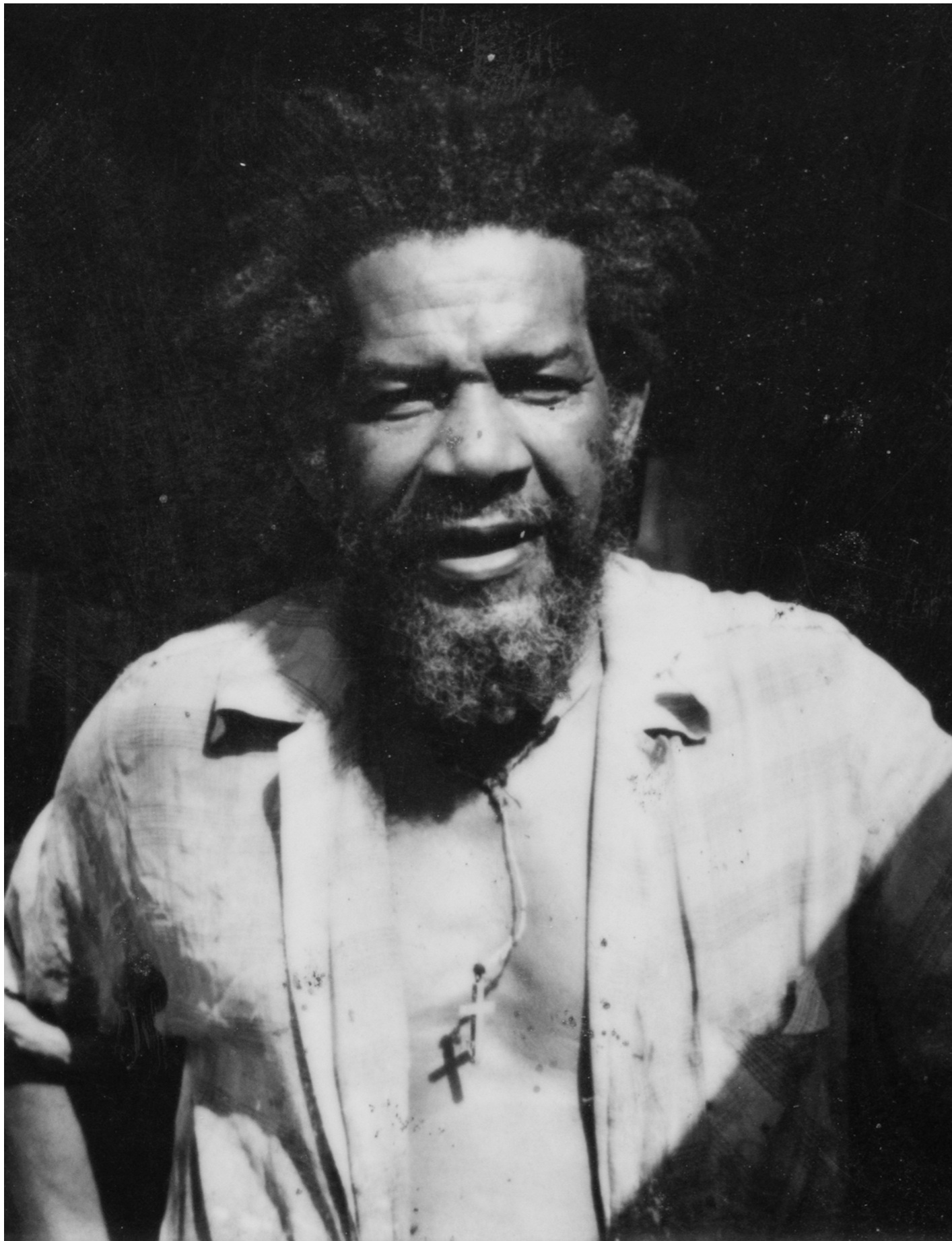
Noteworthy recent shows include *Frank Walter: To Capture a Soul*, The Drawing Center, New York, USA (2024) *Frank Walter: Artist, Gardener, Radical*, The Garden Museum, London, UK (2023); and *The Last Universal Man*, 57th Venice Biennale, Venice, Italy (2017). His work was featured in the group shows *After the End: Cartographies for Another Time*, Pompidou Metz, Metz, France (2025) and *Le Monde Comme Il Va*, Bourse de Commerce, Paris, France (2024).

His work is included in important collections, such as Pinault Collection, Paris, France; Glenstone Foundation, Potomac, USA; Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, USA; Museum für Moderne Kunst, Frankfurt, Germany; Hangzhou Contemporary Art Museum, Hangzhou, China; Art Gallery of New South Wales, Sydney, Australia, among others.

A obra polímata de Frank Walter consolidou-se como uma das mais significativas da diáspora afro-caribenha. Em seu trabalho, ele respondeu a motivos da arte moderna europeia, explorou o espaço cósmico e pintou paisagens caribenhas ao seu redor. Suas obras retratam horizontes locais de Antígua e Barbuda, seu país natal, além de espaços e retratos tanto reais quanto imaginários. Walter acreditava no valor antropológico da arte, unindo sua estrutura psicológica a uma visão idiossincrática da história mundial. O artista polímata via sua música, poesia e arte visual como um meio de cura para os outros. Seu arquivo de cinquenta mil páginas — acumulado ao longo da vida — contém escritos e gravações sobre eventos tangíveis e psíquicos de sua trajetória, bem como reflexões conceituais sobre sua produção artística, reunindo as múltiplas facetas de sua criação em um universo de referências.

Exposições recentes de destaque incluem *Frank Walter: To Capture a Soul*, The Drawing Center, Nova York, EUA (2024); *Frank Walter: Artist, Gardener, Radical*, The Garden Museum, Londres, Reino Unido (2023); e *The Last Universal Man*, 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017). Seu trabalho também integrou exposições coletivas como *After the End: Cartographies for Another Time*, no Centre Pompidou-Metz, Metz, França (2025), e *Le Monde Comme Il Va*, na Bourse de Commerce, Paris, França (2024).

Walter tem obras em importantes coleções públicas, tais como Pinault Collection, Paris, França; Glenstone Foundation, Potomac, Estados Unidos; Minneapolis Institute of Art, Minneapolis, Estados Unidos; Museum für Moderne Kunst, Frankfurt, Alemanha; Hangzhou Contemporary Art Museum, Hangzhou, China; Art Gallery of New South Wales, Sydney, Austrália, entre outras.



Frank Walter
Portrait

"Again like those who preserve other forms of Art on our planet, the Artist of Colour, the Painter of sceneries and other features of nature might well seem to be more impressive than any other Artist; because one here is bringing the minds of other people to realise the intensities, and variations of the same colours, or blending colours, which themselves account for form."

"Assim como aqueles que preservam outras formas de Arte em nosso planeta, o Artista de Cor, o Pintor de paisagens e outros elementos da natureza pode parecer ainda mais impressionante do que qualquer outro Artista; pois aqui trata-se de levar as mentes de outras pessoas a perceberem as intensidades e variações das mesmas cores, ou cores em fusão, que por si só dão origem à forma."

— Frank Walter

The painting is a landscape scene. The upper portion is dominated by a large, rounded mountain range rendered in various shades of green, from dark forest green to lighter, almost greyish-green. The brushwork is thick and expressive, with visible horizontal and diagonal strokes that create a sense of texture and volume. The sky above the mountains is a pale, hazy blue-grey, also painted with broad, horizontal strokes. Below the mountains, a body of water occupies the lower half of the frame. The water is depicted with a mix of light and dark tones, including white highlights that suggest reflections or small waves. The overall style is gestural and atmospheric, focusing on the play of light and color in a natural setting.

Luiz Zerbini

A group of small-scale landscapes by Luiz Zerbini, first presented in 2025 at FDAG Jardins yet developed over many years, emerges from a more intimate register within the artist's broader practice. Produced in moments of downtime and leisure, these paintings in acrylic depict Brazilian coastal vistas with a notable lightness of touch. Shorelines, vegetation, and expanses of water are rendered through a luminous palette that captures the shifting effects of light with immediacy, condensing atmosphere into compact, self-contained compositions.

Despite their modest scale, the works sustain Zerbini's longstanding engagement with the natural world, here approached with a heightened sense of proximity and attention. Gesture becomes more fluid and responsive, allowing forms to hover between description and dissolution, as if shaped by the very conditions they depict. Together, these paintings articulate a quieter, more contemplative dimension of his practice, where observation unfolds at a slower rhythm and the act of painting aligns with a sustained, diaristic attention to the landscape.

Um conjunto de paisagens em pequena escala de Luiz Zerbini, apresentado pela primeira vez em 2025 na FDAG Jardins, mas desenvolvido ao longo de muitos anos, revela um registro mais íntimo dentro de sua prática. Produzidas em momentos de pausa e lazer, essas pinturas em acrílica retratam vistas litorâneas brasileiras com uma notável leveza de gesto. Litorais, vegetação e superfícies de água são articulados por meio de uma paleta luminosa que capta os efeitos cambiantes da luz com imediaticidade, condensando atmosferas em composições compactas e autônomas.

Apesar do formato reduzido, as obras mantêm o engajamento contínuo de Zerbini com o mundo natural, aqui abordado com uma atenção mais próxima e concentrada. O gesto se torna mais fluido e responsivo, permitindo que as formas oscilem entre descrição e dissolução, como se fossem moldadas pelas próprias condições que representam. Em conjunto, essas pinturas articulam uma dimensão mais silenciosa e contemplativa de sua prática, na qual a observação se desenrola em um ritmo mais lento e o ato de pintar se aproxima de uma atenção contínua e diarística à paisagem.



LUIZ ZERBINI

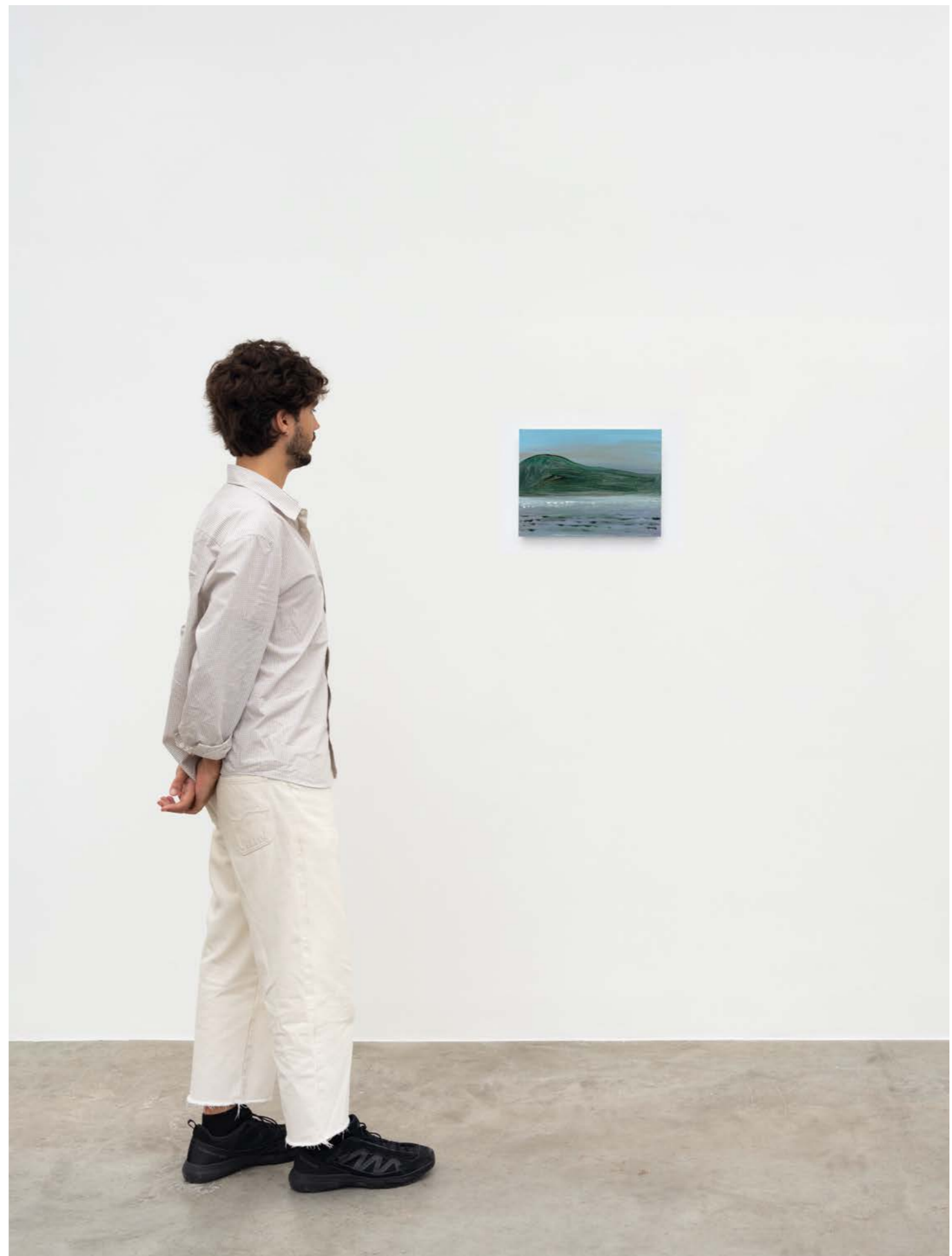
Brilho da Lua, 2025

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

30 x 40 cm [11.8 x 15.7 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

LUIZ ZERBINI
Brilho da Lua, 2025





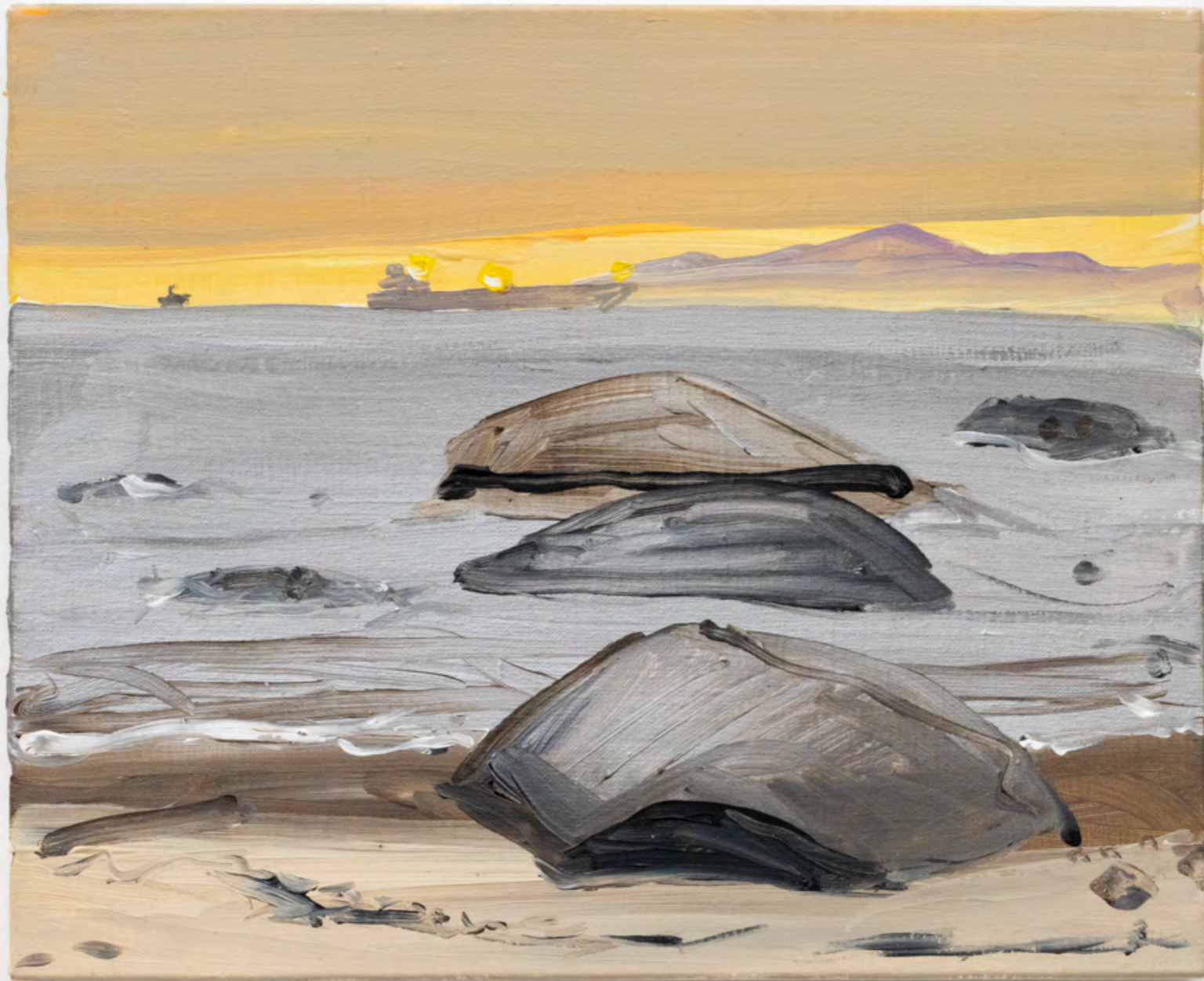
LUIZ ZERBINI

Duas Bóias, 2025

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

30 x 40 cm [11.8 x 15.7 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



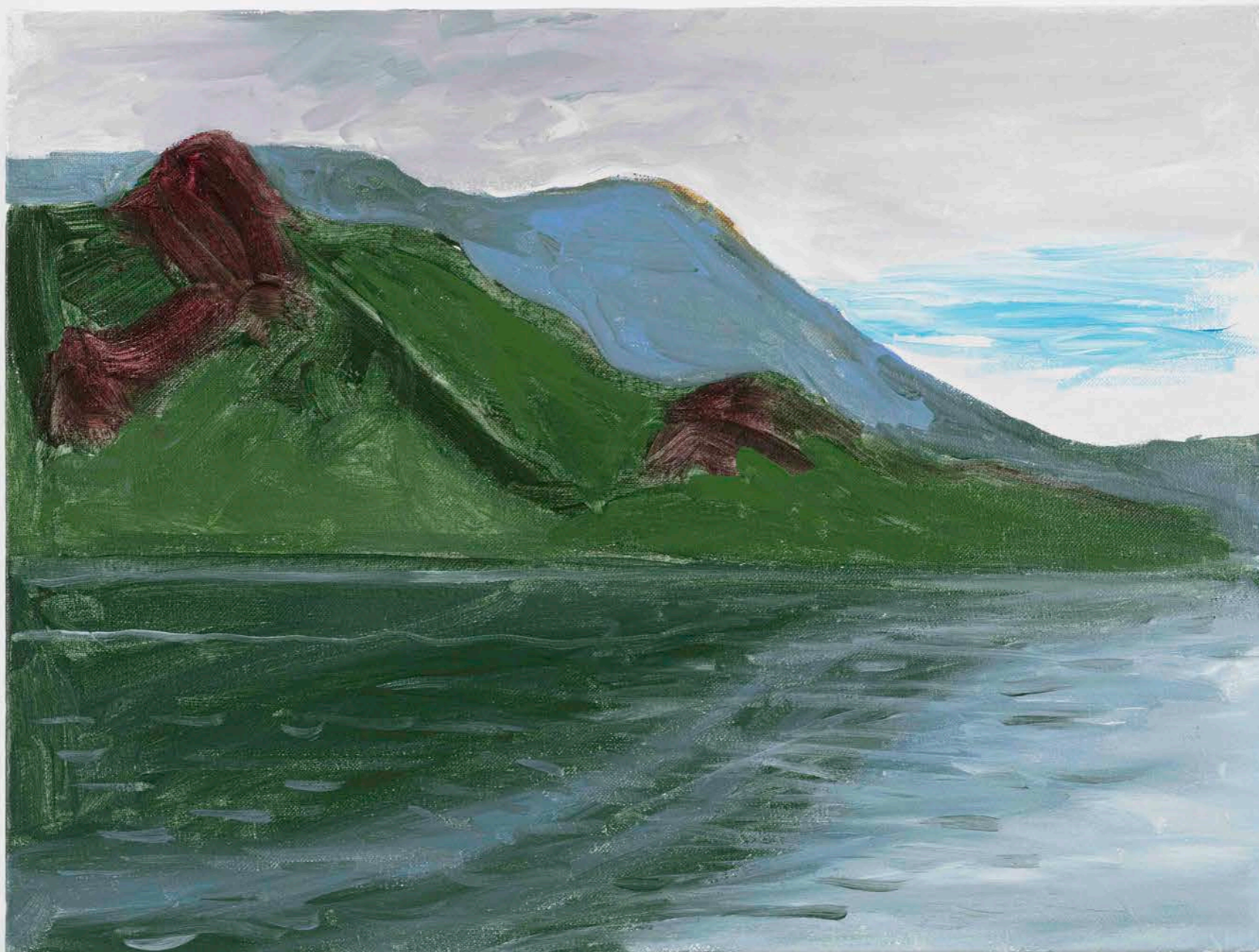
LUIZ ZERBINI

Navio Cargueiro - Mangaratiba, 2021

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

22 x 27 cm [8.7 x 10.6 in]

USD 40,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



LUIZ ZERBINI

Pedra da reserva, 2022

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

30 x 40 cm [11.8 x 15.7 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



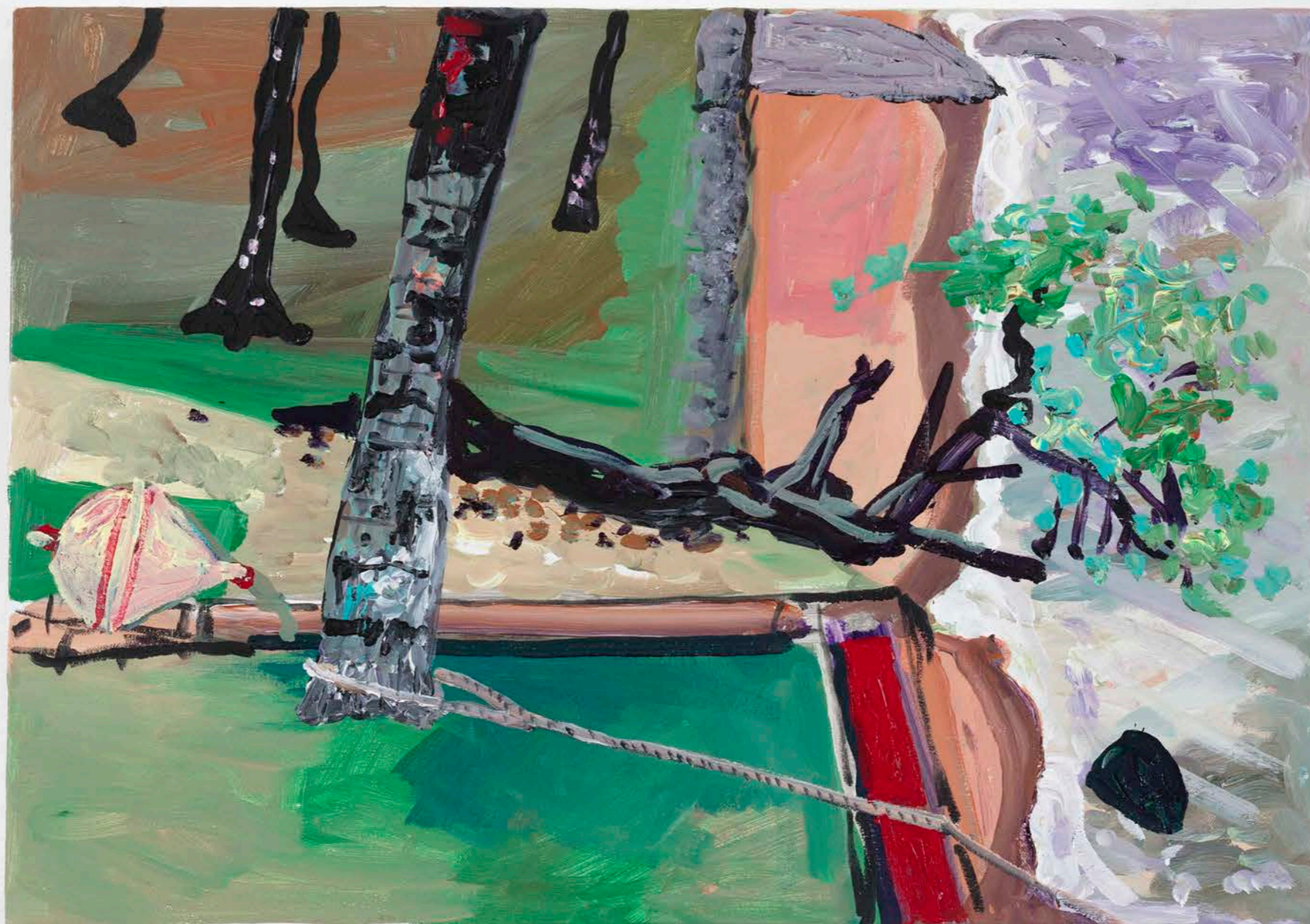
LUIZ ZERBINI

Lua Cheia Manguinhos, 2020

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

30 x 40 cm [11.8 x 15.7 in]

LZ01134



LUIZ ZERBINI

Bóia Amarela, 2023

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

35 x 50 cm [13.7 x 19.6 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

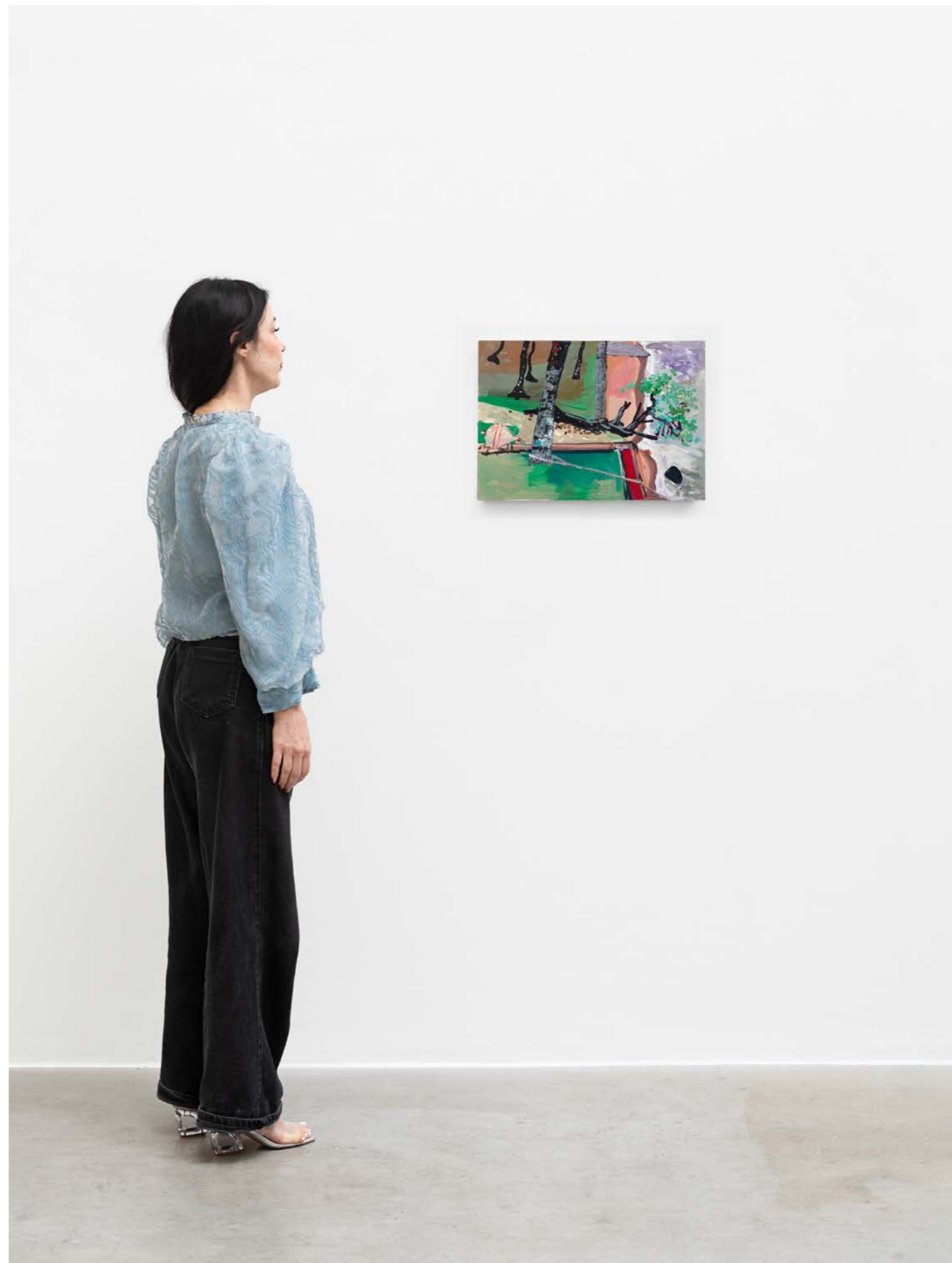
LUIZ ZERBINI

Bóia Amarela, 2023

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

35 x 50 cm [13.7 x 19.6 in]

LZ01139



Luiz Zerbini

São Paulo, Brasil, 1959

Luiz Zerbini develops an exploratory approach to painting, combining attention to the political and ecological issues of the Global South with the meticulous execution of textures, patterns, and figures. By depicting foliage, forests, and dense vegetal networks, the artist emphasizes the observation of nature and translates the interactions of ecosystems into pictorial language. Zerbini's militant stance is particularly rooted in the Brazilian situation, as the artist critically revisits national art history, from landscape painting to historical representations of collective identity. Through the dynamic distribution of visual information across the canvas, his compositions immerse the viewer in a hypnotic atmosphere. Tension, coexistence, layering, and proliferation are some of the principles that govern his process, forming a system of relationships in his paintings and monotypes.

Among his recent solo exhibitions are *Observations: Luiz Zerbini in Conversation with Frank Walter*, Fortes D'Aloia & Gabriel | Jardins, São Paulo, Brazil (2025); *Vagarosa Luminescência Voadora*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2025); *Paisagens Ruminadas*, CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, Brazil (2024); CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brazil (2024); *A mesma história nunca é a mesma*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil (2022).

Zerbini has works in important public collections, such as Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, France; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Fondazione Sandretto re Rebaudengo per l'Arte, Turin, Italy; MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil and MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil.

Luiz Zerbini desenvolve uma abordagem exploratória da pintura, unindo a atenção às questões políticas e ecológicas do Sul global com a execução esmerada de texturas, padronagens e figuras. Ao retratar folhagens, florestas e densas tramas vegetais, o artista dá protagonismo à observação da natureza e traduz as interações dos ecossistemas em linguagem pictórica. A posição militante de Zerbini está particularmente arraigada na situação brasileira, conforme o artista revisita criticamente a história da arte nacional, da pintura de paisagens a representações históricas da identidade coletiva. Por meio da distribuição dinâmica de informação visual sobre a tela, suas composições imergem o espectador numa atmosfera hipnótica. Tensão, coexistência, sobreposição e proliferação são alguns dos princípios que regem seu processo, formando um sistema de relações em suas pinturas e monotipias.

Dentre suas exposições individuais recentes destacam-se *Observations: Luiz Zerbini in Conversation with Frank Walter*, Fortes D'Aloia & Gabriel | Jardins, São Paulo, Brasil (2025); *Vagarosa Luminescência Voadora*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2025); *Afinidades III – Cochichos*, MON – Museu Oscar Niemeyer (2024); *Paisagens ruminadas*, CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, Brasília, Brasil (2024); CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024); *A mesma história nunca é a mesma*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil (2022).

Zerbini tem obras em importantes coleções públicas, tais como Fondation Cartier pour l'art contemporain, Paris, França; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Fondazione Sandretto re Rebaudengo per l'Arte, Turim, Itália; MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil e MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil.



Luiz Zerbini
Ph. Eduardo Ortega

"Painting is an oracle where I hold a consultation with myself. I was thinking about those things I didn't see yesterday, but started to perceive today, when I arrived here ...While I paint, I process the things that I have seen and see, and the world is revealed, explained, and life lives its theater in a single act. Through what I do, I understand the world, it is constructed and presented. I comprehend the world through my painting. I understand it profoundly, physically, biologically. I understand its molecular composition. I am transformed into the things that I paint because I recognize myself in them."

"A pintura é um oráculo onde me consulto. Eu estava pensando sobre essas coisas que ontem eu não via e hoje quando cheguei aqui percebi. Com a tinta que sobrou na minha paleta, pinte de azul essa árvore que ontem era cor de árvore. Que árvore seria essa, qual espécie azul, o azul é sombra? Está viva ou seca? Tem fungos, casca, como é a raiz? Enquanto pinto, processo as coisas que já vi e vejo e o mundo se revela, se explica, e a vida vive seu teatro num único ato. Através do que faço, eu entendo o mundo, ele se constrói e se apresenta. Eu compreendo o mundo pela minha pintura. Entendo profundamente, fisicamente, biologicamente. Entendo sua composição molecular. Me transformo nas coisas que eu pinto porque me reconheço nelas."

— Luiz Zerbini



Lucia Laguna



A selection of paintings, including *Paisagem nº 156* (2024) and works from the *Pequenos formatos* series, extends Laguna's approach across varying scales, where shifts in format recalibrate the density and tempo of her compositions. The smaller works, in particular, condense her pictorial language into more concentrated arrangements, heightening the interplay between control and contingency. Rather than stabilizing the image, scale becomes another variable within her process, shaping how elements collide, disperse, or cohere. Across these works, painting emerges less as a means of fixing a view than as a continuous negotiation, where spatial coherence is always provisional and subject to revision. Grounded in the visual fabric of Rio de Janeiro, these compositions draw equally from the encroachment of vegetation and the irregular spread of the built environment. Hillsides, gardens, and infrastructural fragments interlace, registering a landscape where natural and urban forms remain in constant, unresolved exchange.

Uma seleção de pinturas, incluindo *Paisagem nº 156* (2024) e obras da série *Pequenos formatos*, amplia a abordagem de Laguna em diferentes escalas, nas quais variações de formato recalibram a densidade e o ritmo de suas composições. Os trabalhos menores, em particular, condensam sua linguagem pictórica em arranjos mais concentrados, intensificando a interação entre controle e contingência. Em vez de estabilizar a imagem, a escala torna-se mais uma variável em seu processo, moldando a maneira como os elementos colidem, se dispersam ou se articulam. Ao longo dessas obras, a pintura emerge menos como um meio de fixar uma vista do que como uma negociação contínua, na qual a coerência espacial é sempre provisória e sujeita à revisão. Ancoradas no tecido visual do Rio de Janeiro, essas composições extraem tanto da expansão da vegetação quanto da propagação irregular do ambiente construído. Encostas, jardins e fragmentos de infraestrutura se entrelaçam, registrando uma paisagem em que formas naturais e urbanas permanecem em constante troca.



LUCIA LAGUNA

Paisagem nº 156, 2024

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

150 x 200 x 4.7 cm [59 x 78.7 x 1.8 in]

USD 200,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



LUCIA LAGUNA
Paisagem n° 156, 2024
Detail [detalhe]



LUCIA LAGUNA
Paisagem n° 156, 2024



LUCIA LAGUNA

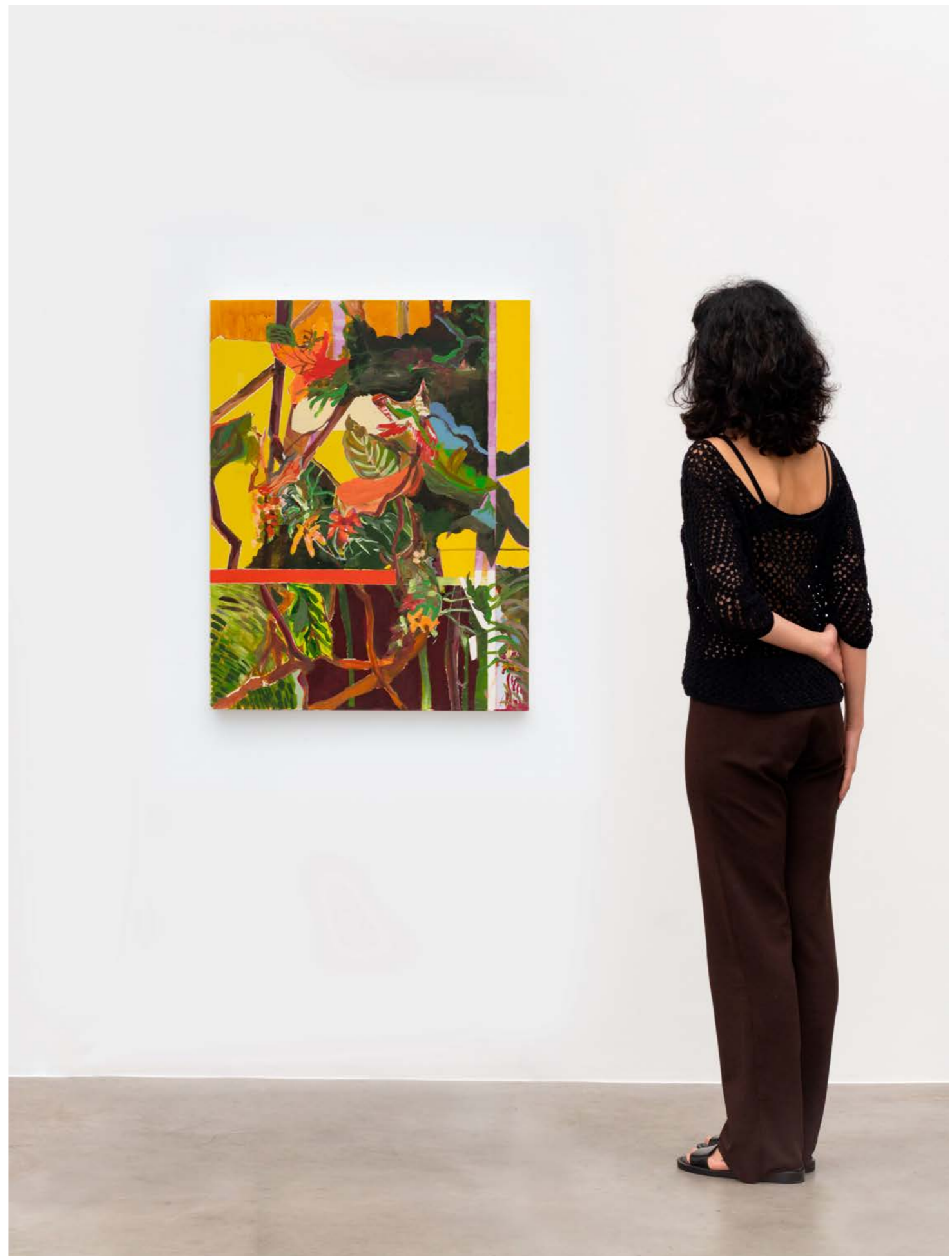
Pequenos formatos n° 141, 2026

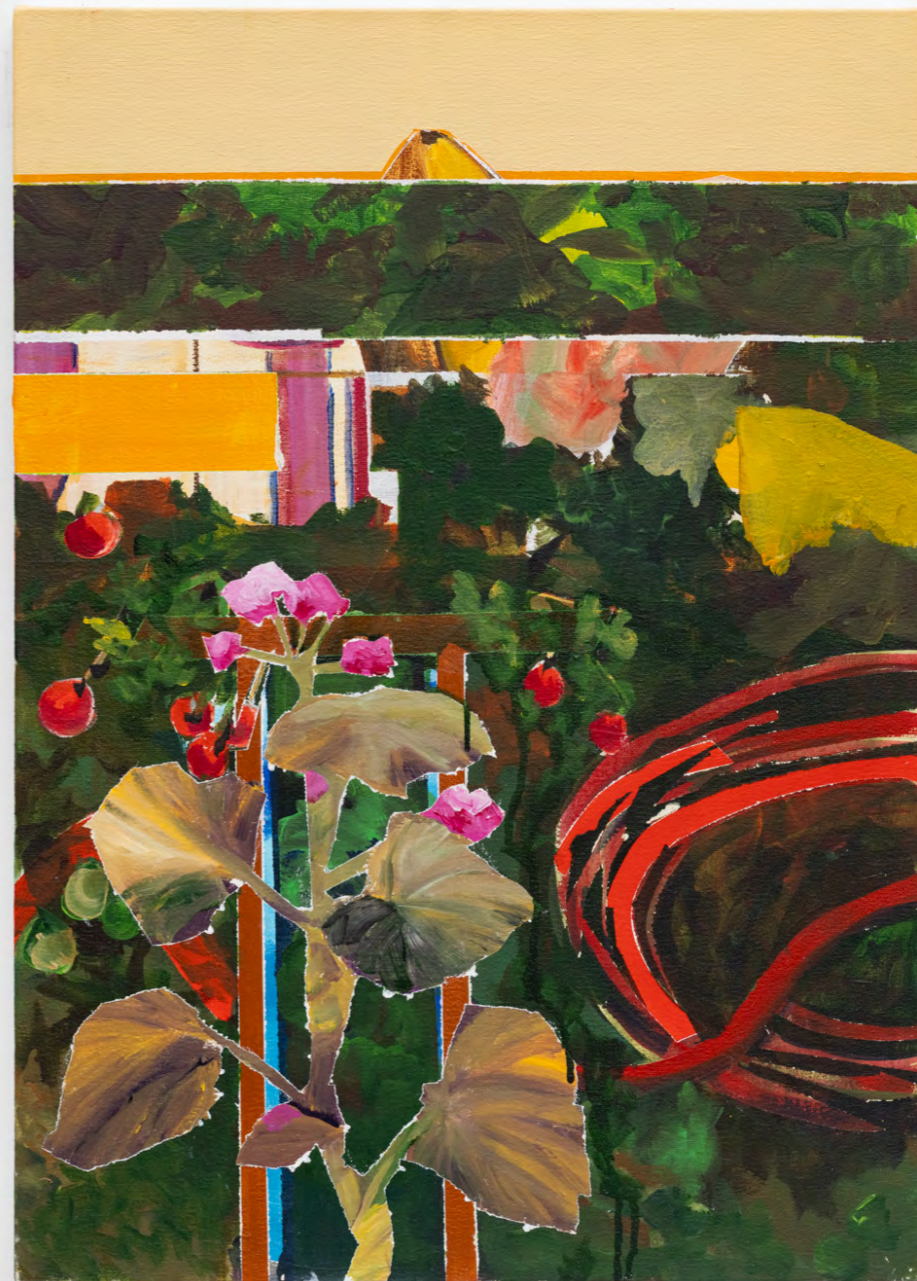
Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

90 x 70 cm [35.4 x 27.6 in]

USD 80,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

LUCIA LAGUNA
Pequenos formatos n° 141, 2026





LUCIA LAGUNA

Pequenos formatos n° 143, 2026

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

70 x 50 cm [27.6 x 19.7 in]

USD 60,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

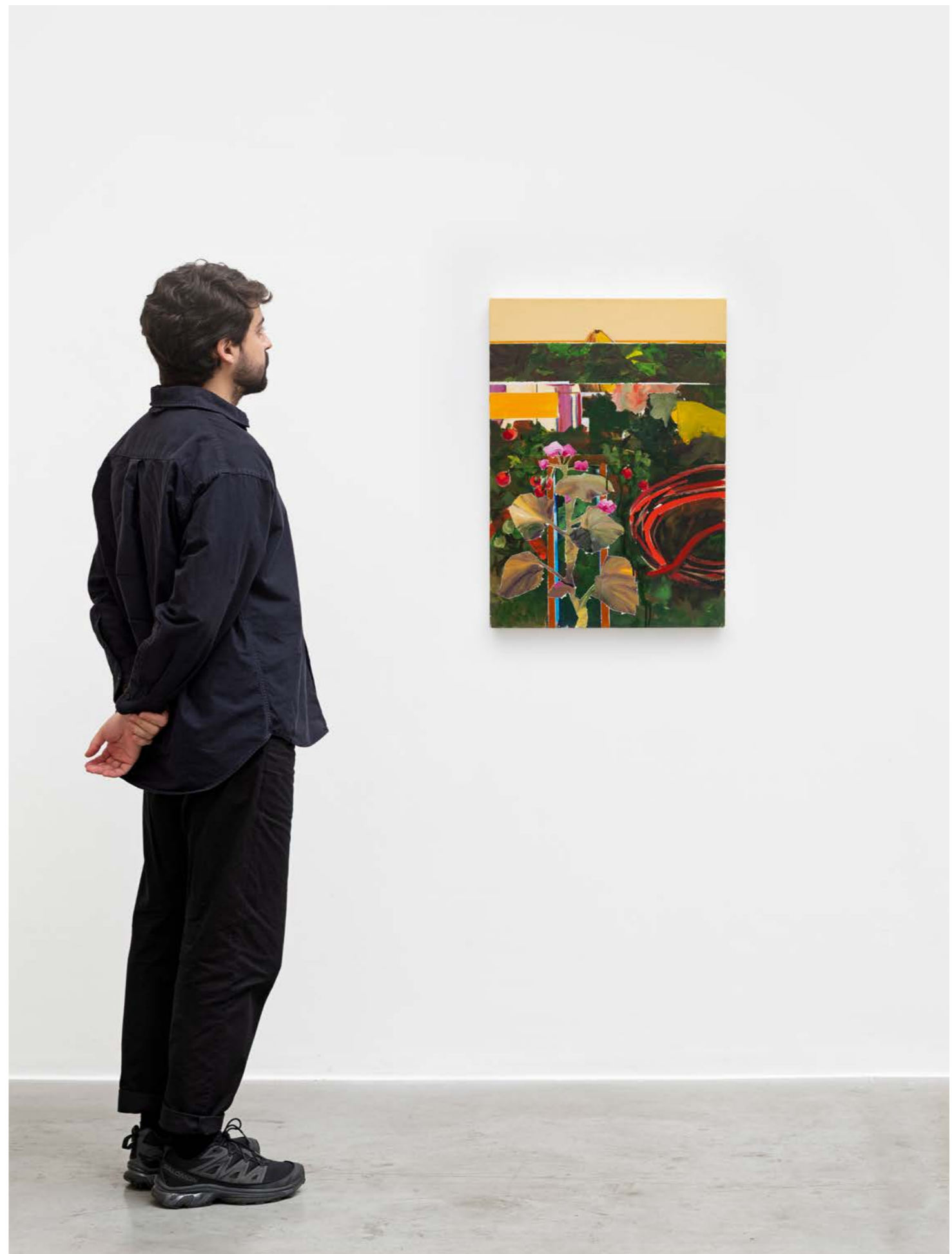
LUCIA LAGUNA

Pequenos formatos n° 143, 2026

Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

70 x 50 cm [27.6 x 19.7 in]

LUL00278



LUCIA LAGUNA

Pequenos formatos nº 154, 2026

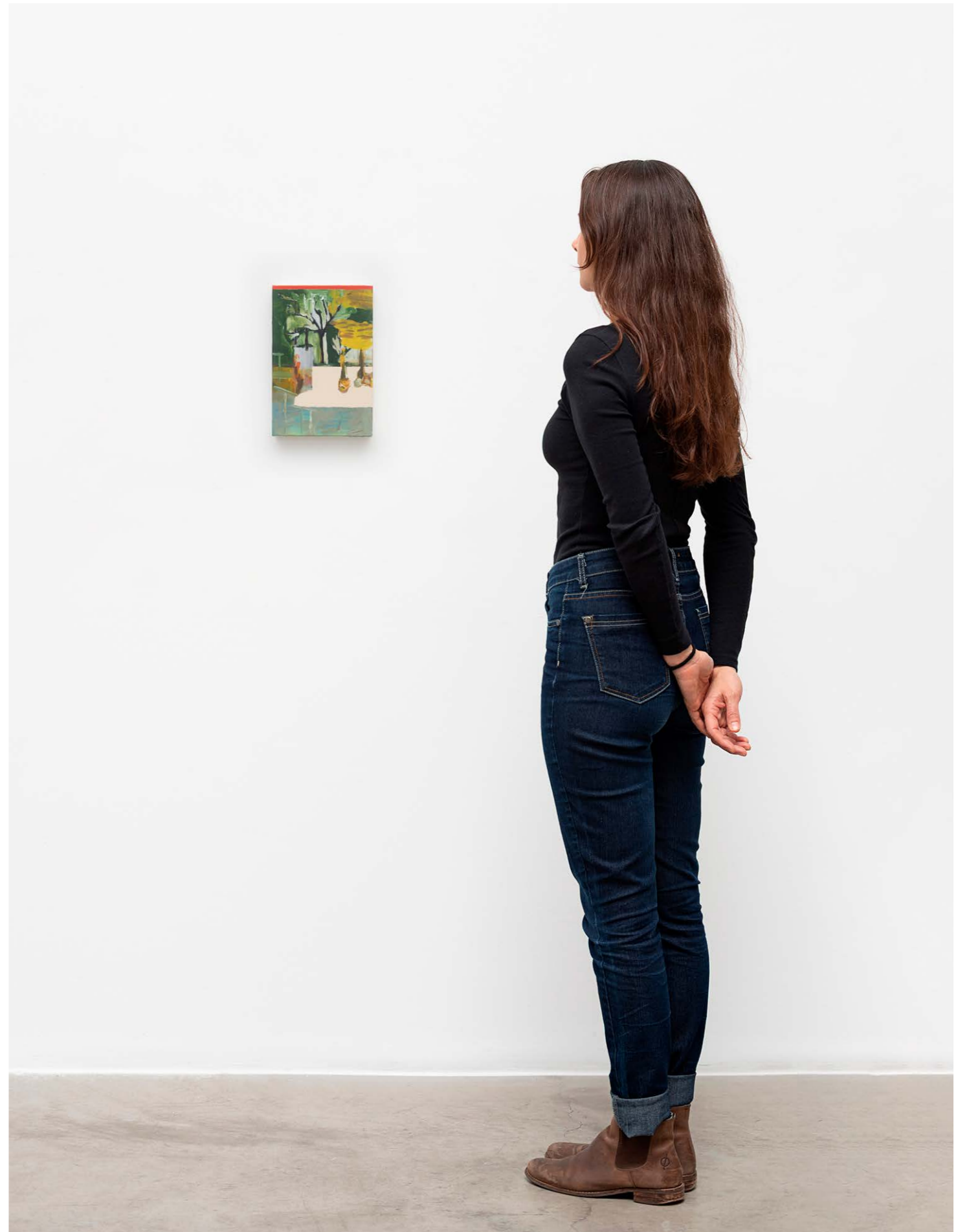
Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas]

30 x 20 cm [11.8 x 7.9 in]

USD 30,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



LUCIA LAGUNA
Pequenos formatos n° 154, 2026



Lucia Laguna

Campos dos Goytacazes, Brasil, 1941

Lucia Laguna's paintings unfold through an encounter with her surroundings — from garden views and foliage to urban fragments such as fencing, billboards, and power lines — entangled within abstract textures and networks of geometric motifs. These elements gather in carefully calibrated gestures that assemble landscapes and vistas across fractured pictorial planes. Forms appear and dissolve across the canvas, emerging through the accumulation and erasure of successive layers of paint. Like the suburban carioca views the artist observes from the windows of her studio, her compositions are driven by a wayward, palimpsestic logic. Partial images anchor the compositions among abstract passages, creating a constant tension between the sparsity and abundance of visual elements. Within this shifting structure, forms spread across the canvas like a fluid architecture, punctuated by spontaneous marks and erasures that open gaps in the painted field, like vacant lots interrupting the dense fabric of color.

Her recent solo exhibitions include *A Propósito de duas janelas*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2025); *Se Hace Camino al Andar*, Carpintaria, Rio de Janeiro, Brazil (2021); and *Vizinhança*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil (2018); Laguna has taken part in the group shows *Direito à forma*, Galeria Fonte, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brazil (2024) and *Dos brasis: arte e pensamento negro*, SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil (2023).

Laguna has works in important public collections, such as Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; Coleção Banco Itaú, São Paulo, Brazil; MAM – Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brazil; MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; MAR – Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil; MASP – Museu de Art.

As pinturas de Lucia Laguna se desdobram a partir de um encontro com seus arredores — de vistas de jardim e folhagens a fragmentos urbanos como telhados e fios de energia — entrelaçados a texturas abstratas e redes de motivos geométricos. Esses elementos se reúnem em gestos calibrados que constroem paisagens e vistas em planos pictóricos fraturados. Formas aparecem e se dissolvem sobre a tela, emergindo por meio da acumulação e do apagamento de sucessivas camadas de tinta. Como as vistas suburbanas cariocas que a artista observa das janelas de seu ateliê, suas composições são movidas por uma lógica errante e palimpséstica. Imagens parciais ancoram as composições entre passagens abstratas, criando uma tensão constante entre a escassez e a abundância de elementos visuais. Nessa estrutura em transformação, as formas se expandem pela tela como uma arquitetura fluida, pontuada por marcas e apagamentos espontâneos que abrem lacunas no campo pictórico, como terrenos baldios interrompendo o tecido denso da cor.

Suas exposições individuais recentes incluem *A Propósito de duas janelas*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2025); *Se Hace Camino al Andar*, Carpintaria, Rio de Janeiro, Brasil (2021); *Lucia Laguna*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2020) e *Lucia Laguna: Vizinhança*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil (2018). Laguna participou das coletivas *Direito à forma*, Galeria Fonte, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2024) e *Dos brasis: arte e pensamento negro*, SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023).

Laguna tem obras em importantes coleções públicas, entre elas o Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; Coleção Banco Itaú, São Paulo, Brasil; MAM – Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, Brasil; MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; MAR – Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil e Museu Nacional de Brasília, Brasília, Brasil.



Lucia Laguna
Ph. Eduardo Ortega

"Life, for me, is to paint. And I feel I can only do that by reinventing. I subvert the scale. Objects that should be small because of the distance become prominent. This displacement, to give movement to a landscape that is normally static, leads your eyes and your thoughts to question why."

"A vida, para mim, é pintar. E sinto que só posso fazer isso me reinventando. Subverto a escala. Objetos que deveriam ser pequenos por causa da distância tornam-se proeminentes. Esse deslocamento, ao dar movimento a uma paisagem normalmente estática, leva seus olhos e seus pensamentos a questionarem o porquê."

— Lucia Laguna

Valeska Soares



Across two bodies of work, Valeska Soares investigates processes of concealment, inversion, and reappearance as modes of editing the image and its memory. In *Palimpsest*, wooden boxes bearing landscape depictions are reworked through acts of subtraction and adjustment, as the artist obscures portions of the scene and preserves only the silhouettes of trees; these units are then aligned along a shared horizon line, forming a fragmented field where continuity and interruption coexist. In the *Doubleface* series (2017–), Soares transforms found portraits of women by turning the canvases inside out and restretching them so that their backs, painted in flat, monochrome fields drawn from the original palette, become the primary surface. Through cuts and folds, fragments of the depicted faces reemerge, unsettling the integrity of the portrait while insisting on its persistence. In both cases, preexisting images are subjected to a precise process of editing that produces materially complex objects marked by absence and displacement, where what is concealed does not disappear but returns in partial, insistent form, resisting erasure.

Em dois conjuntos de trabalhos, Valeska Soares investiga processos de ocultação, inversão e reaparecimento como modos de edição da imagem e de sua memória. Em *Palimpsest*, caixas de madeira com representações de paisagem são retrabalhadas por meio de operações de subtração e ajuste, nas quais a artista encobre partes da cena e preserva apenas as silhuetas de árvores; essas unidades são então alinhadas segundo uma linha de horizonte comum, formando um campo fragmentado onde continuidade e interrupção coexistem. Na série *Doubleface* (2017–), Soares transforma retratos femininos encontrados ao virar as telas do avesso e reestirá-las, fazendo com que seus versos, pintados em campos monocromáticos derivados da paleta original, se tornem a superfície principal. Por meio de cortes e dobras, fragmentos das faces retratadas reaparecem, desestabilizando a integridade do retrato ao mesmo tempo em que insistem em sua permanência. Em ambos os casos, imagens preexistentes são submetidas a um processo preciso de edição que produz objetos materialmente complexos, marcados por ausência e deslocamento, nos quais o que é ocultado não desaparece, mas retorna de forma parcial e insistente, resistindo ao apagamento.



VALESKA SOARES

Palimpsest IV, 2026

Caixas de madeira [Wooden boxes]

9 peças [pieces] | Dimensões totais [Overall dimensions]: 24 x 228 x 9.5 cm [9.4 x 89.8 x 3.7 in]

USD 70,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



VALESKA SOARES
Palimpsest IV, 2026



VALESKA SOARES

Palimpsest V, 2026

Caixas de madeira [Wooden boxes]

8 peças [pieces] | Dimensões totais [Overall dimensions]: 15 x 151 x 9 cm [5.9 x 59.4 x 3.5 in]

USD 60,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



VALESKA SOARES
Palimpsest V, 2026
Detail [detalhe]

VALESKA SOARES

Doubleface (Alizarin Crimson), 2017

Óleo e recorte sobre pintura a óleo vintage

[Oil and cut out on vintage oil painting]

76.2 x 61 cm [30 x 24 in]

USD 65,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



VALESKA SOARES
Doubleface (Alizarin Crimson), 2017



VALESKA SOARES
Doubleface (Alizarin Crimson), 2017



Valeska Soares

Belo Horizonte, Brasil, 1957

Valeska Soares's practice is grounded in the potential of absence and in the construction of meaning through partial, often unstable images. Emptiness and transience are not treated as voids but as active forces, generating a network of tensions that unfold across installations, films, paintings, sculptures, and assemblages. Her work consistently returns to what is withheld, erased, or displaced, allowing fragments to carry the weight of what is no longer fully present. These conceptual concerns are embedded in both her choice of materials and the spatial relationships they produce. Mirrors, book covers, found paintings, and everyday packaging are manipulated, shuffled, cut, and rearranged, giving rise to subtle shifts between intimacy and estrangement, architecture and the body, matter and thought. Through these operations, Soares constructs environments in which perception is continually recalibrated, and where meaning emerges not from completion, but from the intervals, gaps, and correspondences between things.

Among her recent solo exhibitions are *Tableau*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2025); *Entrementes*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brazil (2019); and *Any Moment Now*, Phoenix Museum, Phoenix, USA (2018). She has also participated in the group shows *Uncanny*, National Museum of Women in the Arts, Washington DC, USA (2025); *Anonymous Was a Woman: The First 25 Years*, Grey Art Museum, Nova York, USA (2025); *Diálogos: Women Artists in the Ella Fontanals-Cisneros Collection*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, Monterrey, Mexico (2025).

Valeska Soares has works in important public collections, such as MoMA, New York, USA; Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA; Tate Modern, London, UK; LACMA – Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, USA; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, USAs; Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, USA and Dallas Museum of Art, Dallas, USA.

A prática de Valeska Soares se fundamenta no potencial da ausência e na construção de sentido por meio de imagens parciais, frequentemente instáveis. O vazio e a transitoriedade não são tratados como faltas, mas como forças ativas, que geram uma rede de tensões ao longo de instalações, filmes, pinturas, esculturas e assemblages. Seu trabalho retorna de forma recorrente ao que é suprimido, apagado ou deslocado, permitindo que fragmentos sustentem a presença do que já não se apresenta por inteiro. Essas articulações conceituais se manifestam tanto na escolha dos materiais quanto nas relações espaciais que eles instauram. Espelhos, capas de livros, pinturas encontradas e embalagens cotidianas são manipulados, deslocados, recortados e reorganizados, dando origem a deslocamentos sutis entre intimidade e estranhamento, arquitetura e corpo, matéria e pensamento. Por meio dessas operações, Soares constrói ambientes nos quais a percepção é continuamente recalibrada, e onde o sentido emerge não da completude, mas dos intervalos, lacunas e correspondências entre as coisas.

Entre suas exposições individuais recentes, destacam-se *Tableau*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2025); *Entrementes*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019) e *Any Moment Now*, Phoenix Museum, Phoenix, Estados Unidos (2018). Participou também das coletivas *Uncanny*, National Museum of Women in the Arts, Washington DC, Estados Unidos (2025); *Anonymous Was a Woman: The First 25 Years*, Grey Art Museum, Nova York, USA (2025); *Diálogos: Women Artists in the Ella Fontanals-Cisneros Collection*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, Monterrey, México (2025).

Valeska Soares tem trabalhos em importantes coleções públicas, tais como MoMA – Museum of Modern Art, Nova York, Estados Unidos; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos; Tate Modern, Londres, Reino Unido; LACMA – Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, Estados Unidos; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, Estados Unidos; Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, Estados Unidos; Dallas Museum of Art, Dallas, Estados Unidos;



Valeska Soares
Ph. Eduardo Ortega

"I take these images (...) and I edit them as if they were text. People will relate to these fragments and erasures in different ways. There's also a question of preservation. Many of these paintings were deteriorating, and in a way, I'm saving them. Sometimes literally—they underwent restoration. I bring them back to circulate again."

"Eu pego essas imagens (...) e as edito como se fossem texto. As pessoas vão se relacionar com esses fragmentos e apagamentos de diferentes maneiras. Há também uma questão de preservação. Muitas dessas pinturas estavam se deteriorando e, de certa forma, estou salvando-as. Às vezes, literalmente — elas passaram por restauração. Eu as trago de volta para circular novamente."

— Valeska Soares



Wanda Pimentel

Created between 1965 and 1967, the *Black and White Animals* series brings together a group of drawings that offers a rare glimpse into Wanda Pimentel's formative period, marking the emergence of her visual language. Using anxious, vigorous lines and a restricted palette, the artist constructs a singular bestiary in which recognizable animals, or merely suggested ones, appear and dissolve within dense tangles of graphic marks. Beetles, turtles, bats, and hybrid creatures serve as points of departure for a tactile and visual inquiry, where textures of fur, feathers, and shells are continuously distorted and reconfigured. In these works, the surface of the paper is densely activated, charged with near-constant visual energy, revealing a more unbound, calligraphic approach that contrasts with the economy and spatial precision of her later production. At the same time, the centrality of line and an interest in the relationships between forms and their environments already begin to take shape, anticipating concerns that would remain fundamental to her work.

Apresentada originalmente entre 1965 e 1967, a série *Animais Preto e Branco* reúne um conjunto de desenhos em preto e branco que oferece um vislumbre raro do período formativo de Wanda Pimentel, marcando o surgimento de sua linguagem visual. Com linhas ansiosas e vigorosas e uma paleta restrita, a artista constrói um bestiário singular no qual animais reconhecíveis, ou apenas sugeridos, emergem e se dissipam em meio a tramas densas de marcas gráficas. Besouros, tartarugas, morcegos ou figuras híbridas aparecem como pretextos para uma investigação tátil e visual, na qual texturas de peles, penas e carapaças são continuamente distorcidas e reconfiguradas. Nesses trabalhos, a superfície do papel se apresenta saturada, tomada por uma energia quase ininterrupta, revelando um gesto mais livre e caligráfico que contrasta com a economia e a precisão espacial de sua produção posterior. Ao mesmo tempo, já se delineia aqui a centralidade da linha e um interesse nas relações entre formas e seus ambientes, que atravessariam toda a sua obra.

WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Nanquim sobre papel [China ink on paper]

Emoldurada [Framed]: 72.7 x 62.5 x 4 cm [28.6 x 24.6 x 1.5 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]





WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Detail [detalhe]

WANDA PIMENTEL
Sem título, da série Animais Preto/Branco
Untitled, from the Black/White Animals series], 1966



WANDA PIMENTEL

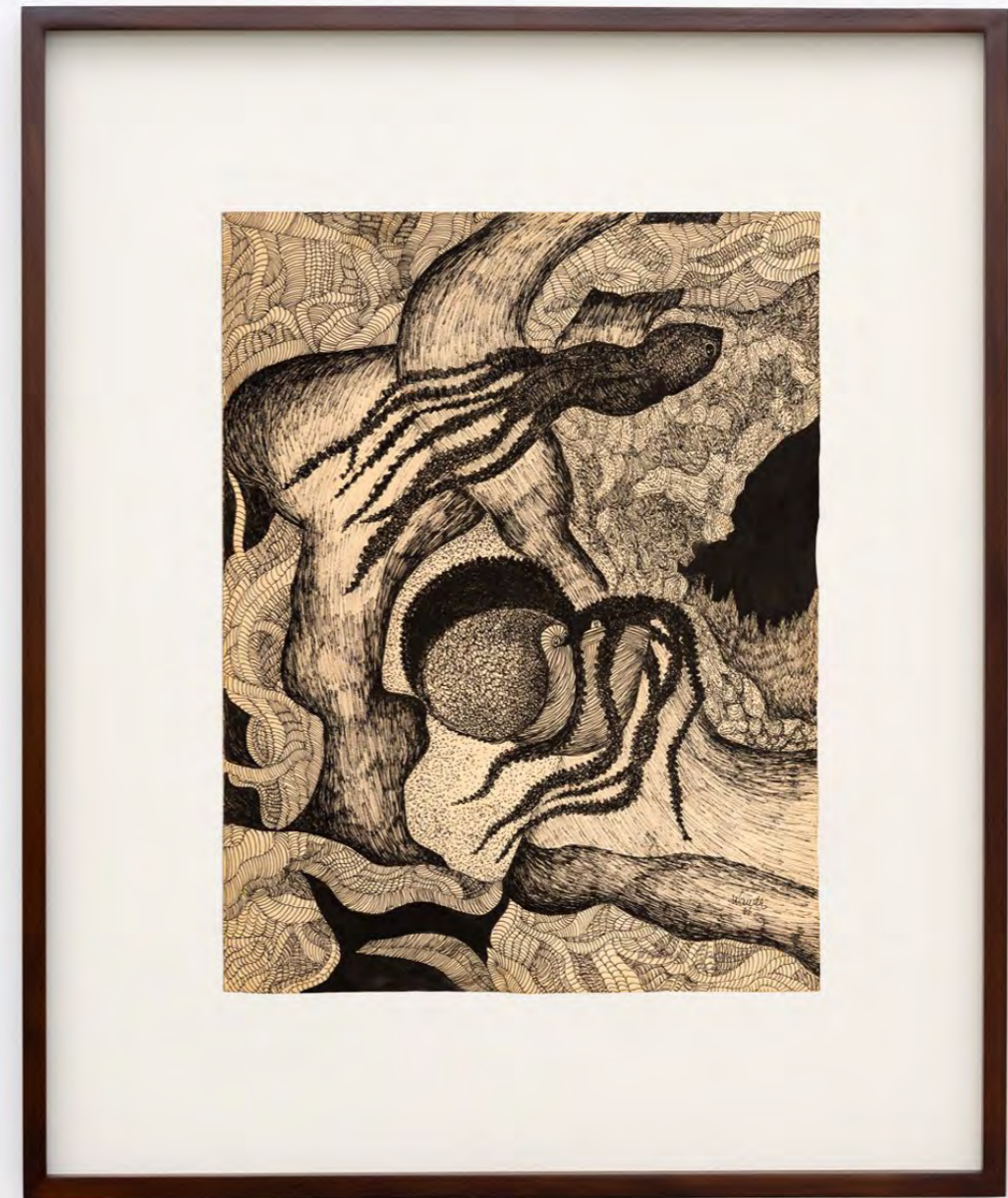
Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Nanquim sobre cartão [China ink on card]

Emoldurada [Framed]: 72 x 65.2 x 4 cm [28.3 x 25.6 x 1.5 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



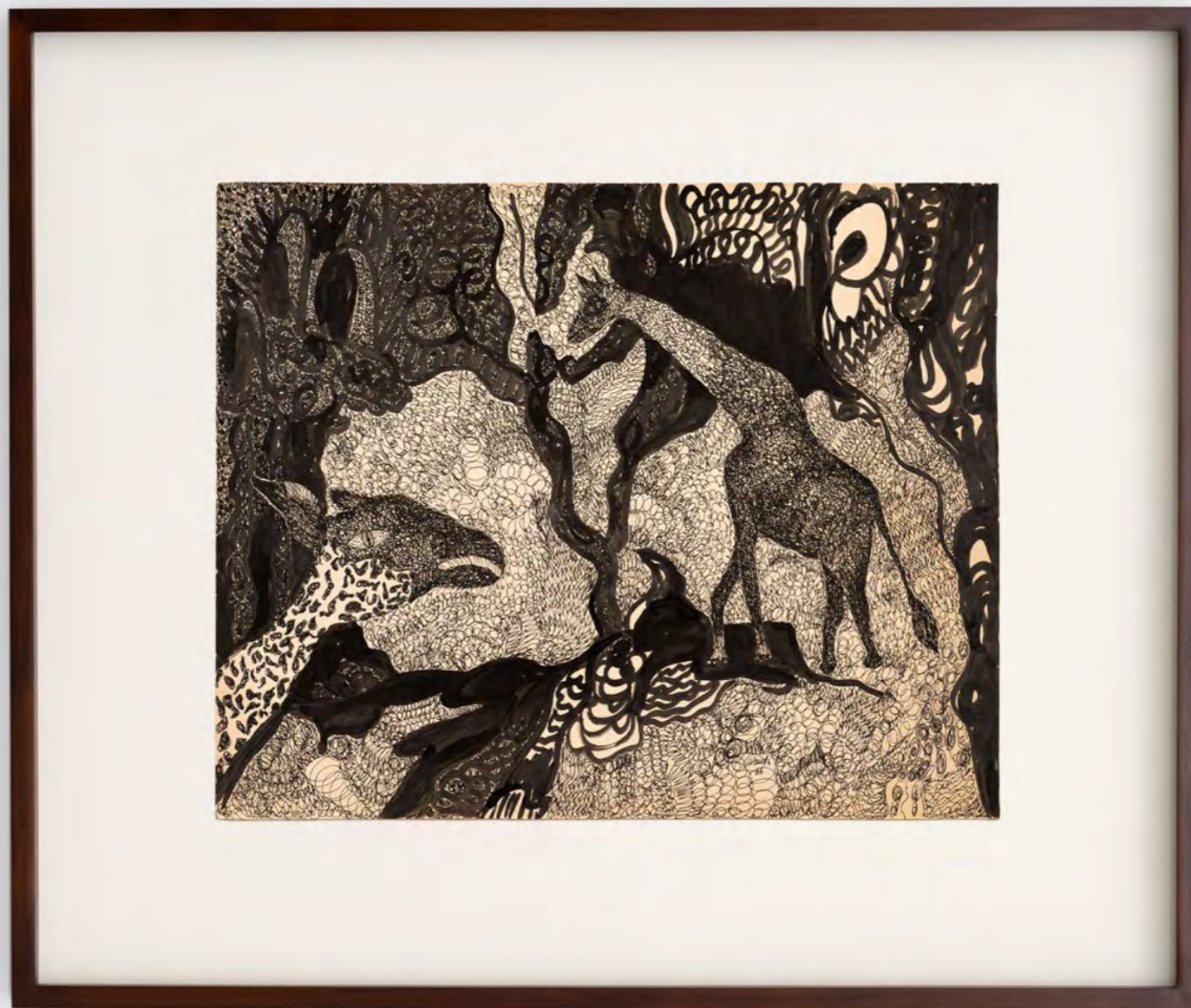


WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Detail [detalhe]



WANDA PIMENTEL

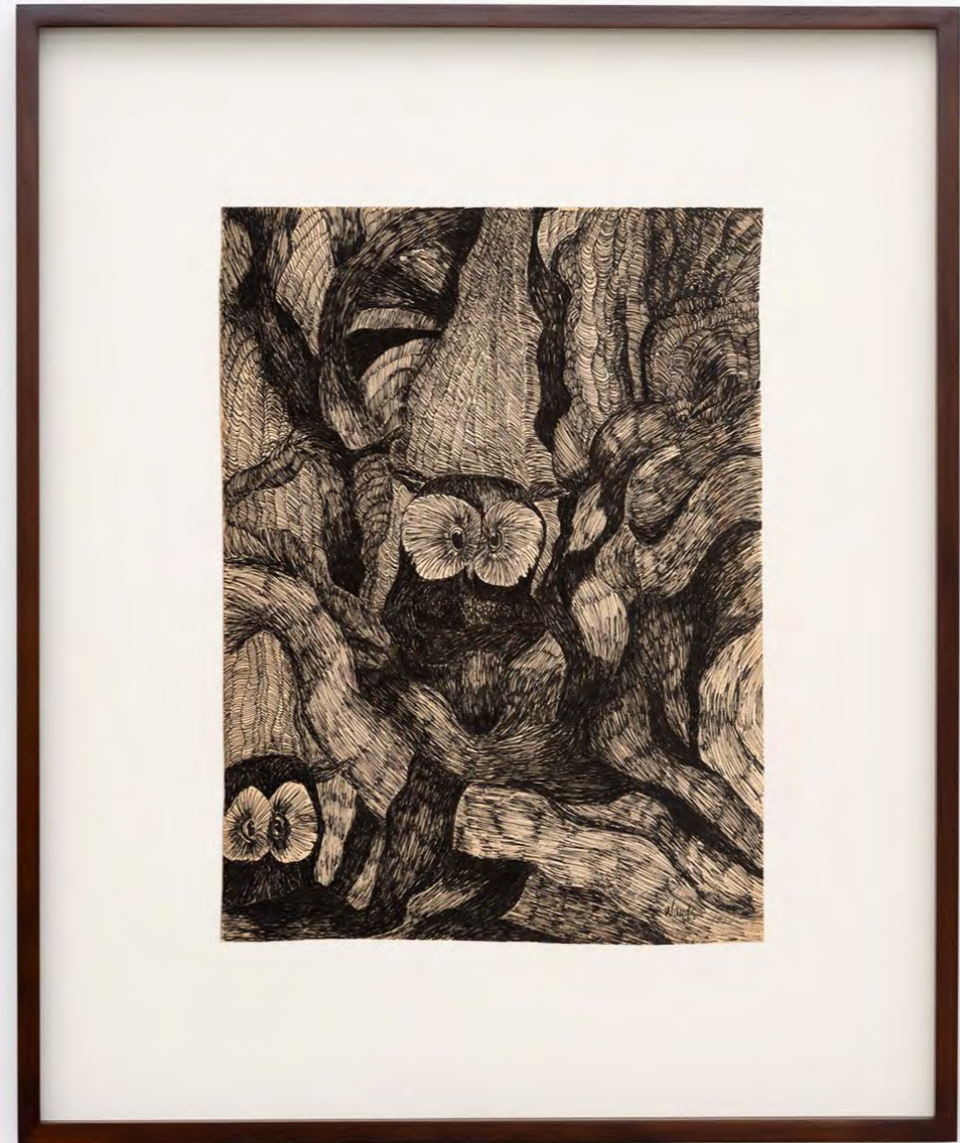
Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Nanquim sobre cartão [China ink on card]

Emoldurada [Framed]: 63.5 x 71.8 x 4 cm [25 x 28.2 x 1.5 in]

USD 50,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Nanquim sobre cartão [China ink on card]

Emoldurada [Framed]: 61.4 x 51.3 x 4 cm [24.1 x 20.1 x 1.5 in]

USD 40,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Nanquim sobre cartão [China ink on card]

Emoldurada [Framed]: 61.4 x 51.3 x 4 cm [24.1 x 20.1 x 1.5 in]

USD 40,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]





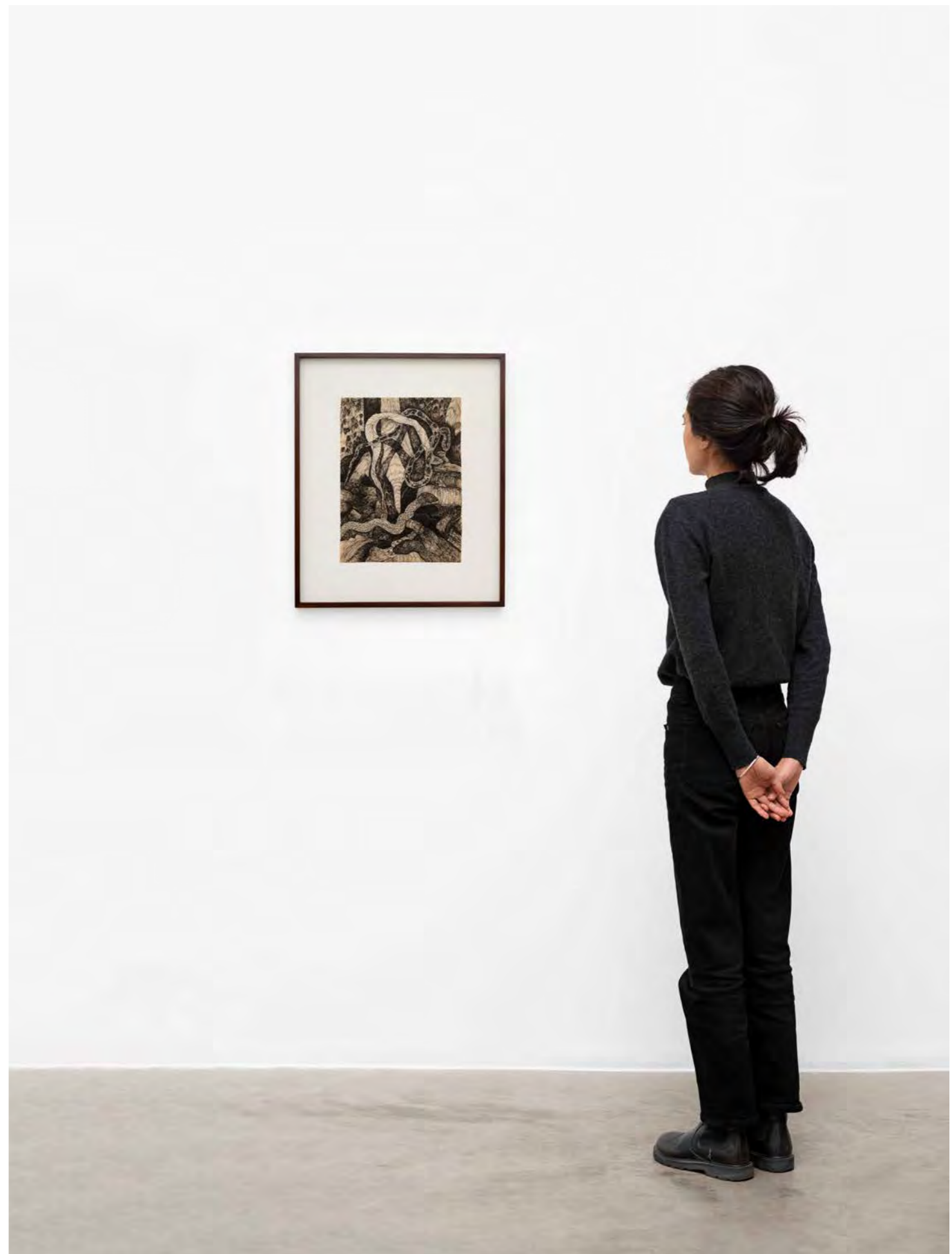
WANDA PIMENTEL

Sem título, da série Animais Preto/Branco

Untitled, from the Black/White Animals series], 1966

Detail [detalhe]

WANDA PIMENTEL
Sem título, da série Animais Preto/Branco
Untitled, from the Black/White Animals series], 1966



Wanda Pimentel

Rio de Janeiro, Brasil, 1943 – Rio de Janeiro, Brasil, 2019

Wanda Pimentel's practice is marked by a sharply defined visual language, in which hard edges, compressed perspectives, and smooth, saturated surfaces produce images that move between stark two-dimensionality and an improbable architectural depth. Emerging in the late 1960s, her paintings isolate fragments of domestic interiors—furniture, limbs, thresholds, everyday objects—rendered in bright, assertive colors. These scenes, at once familiar and estranged, stage a quiet tension between intimacy and control, where the body is present but often cropped, displaced, or reduced to a sign within a tightly constructed pictorial field.

The beginning of Pimentel's trajectory coincides with the onset of a long period of oppression and state-sponsored violence in Brazil after 1964, when the military dictatorship was instituted and took hold through 1985. The parallel highlights how her work both reacts to and undermines the stifled atmosphere felt throughout the so-called "years of lead", marked by increasingly insulated communities, conservative societal values, steep political barriers, and a turbulent relationship to national identity. In this sense, Pimentel's work functions as a visual code wrought under oppressive conditions as much as a map toward resignifying isolation.

Recent shows of Pimentel's work include *Wanda Pimentel: Os Anos Noventa*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2022); *Wanda Pimentel*, MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, Brazil (2020) and *Envolvimentos*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil (2017). The artist had works in the group shows *Vital Signs: Artists and the Body*, MoMA – The Museum of Modern Art, New York, USA (2024) and *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Brooklyn Museum, New York, USA (2018), Hammer Museum, Los Angeles, USA (2017).

Wanda Pimentel has works in important public collections, such as MoMA – The Museum of Modern Art, New York, USA; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil; MALBA – Museu Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil; MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

A prática de Wanda Pimentel se distingue por uma qualidade precisa e de contornos definidos, abrangendo linhas geométricas e superfícies lisas em obras que frequentemente desafiam a categorização como abstratas ou figurativas. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, suas pinturas retratavam espaços domésticos e objetos do cotidiano em cores vibrantes, em alinhamento estilístico com a nova figuração brasileira, principalmente sob a influência de seu professor Ivan Serpa.

O início da trajetória de Pimentel coincide com o começo de um longo período de opressão e violência promovida pelo Estado no Brasil após 1964, quando a ditadura militar foi instituída e se manteve até 1985. Esse paralelo evidencia como sua obra tanto reage quanto subverte a atmosfera sufocante dos chamados "anos de chumbo", marcados por comunidades cada vez mais isoladas, valores sociais conservadores, barreiras políticas rígidas e uma relação turbulenta com a identidade nacional. Nesse sentido, a obra de Pimentel funciona tanto como um código visual forjado sob condições opressivas quanto como um mapa para ressignificar o isolamento.

Exposições recentes do trabalho de Pimentel incluem *Wanda Pimentel: Os Anos Noventa*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2022); *Wanda Pimentel*, MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio De Janeiro, Brasil (2020) e *Envolvimentos*, MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil (2017). Suas obras também aparecem nas coletivas *Vital Signs: Artists and the Body*, MoMA – The Museum of Modern Art, Nova York, EUA (2024); *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018), Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017).

Wanda Pimentel tem trabalhos em importantes coleções públicas, tais como MoMA – The Museum of Modern Art, Nova York, EUA; MAC – Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; MALBA – Museu Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil; MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.



Wanda Pimentel
Ph. Maycon Lima

"As you may have noticed, I do not talk much about my work. Once, I joked that artists should be deaf and dumb. To avoid watering down the work's impact, explaining too much of what should be part of its mystery or enigma and, conversely, to avoid having to listen to fanciful interpretations."

"Como você deve ter notado, não falo muito sobre o meu trabalho. Uma vez, brinquei que os artistas deveriam ser surdos e mudos. Para evitar diluir o impacto da obra, explicando demais aquilo que deveria fazer parte de seu mistério ou enigma e, por outro lado, para evitar ter que ouvir interpretações fantasiosas."

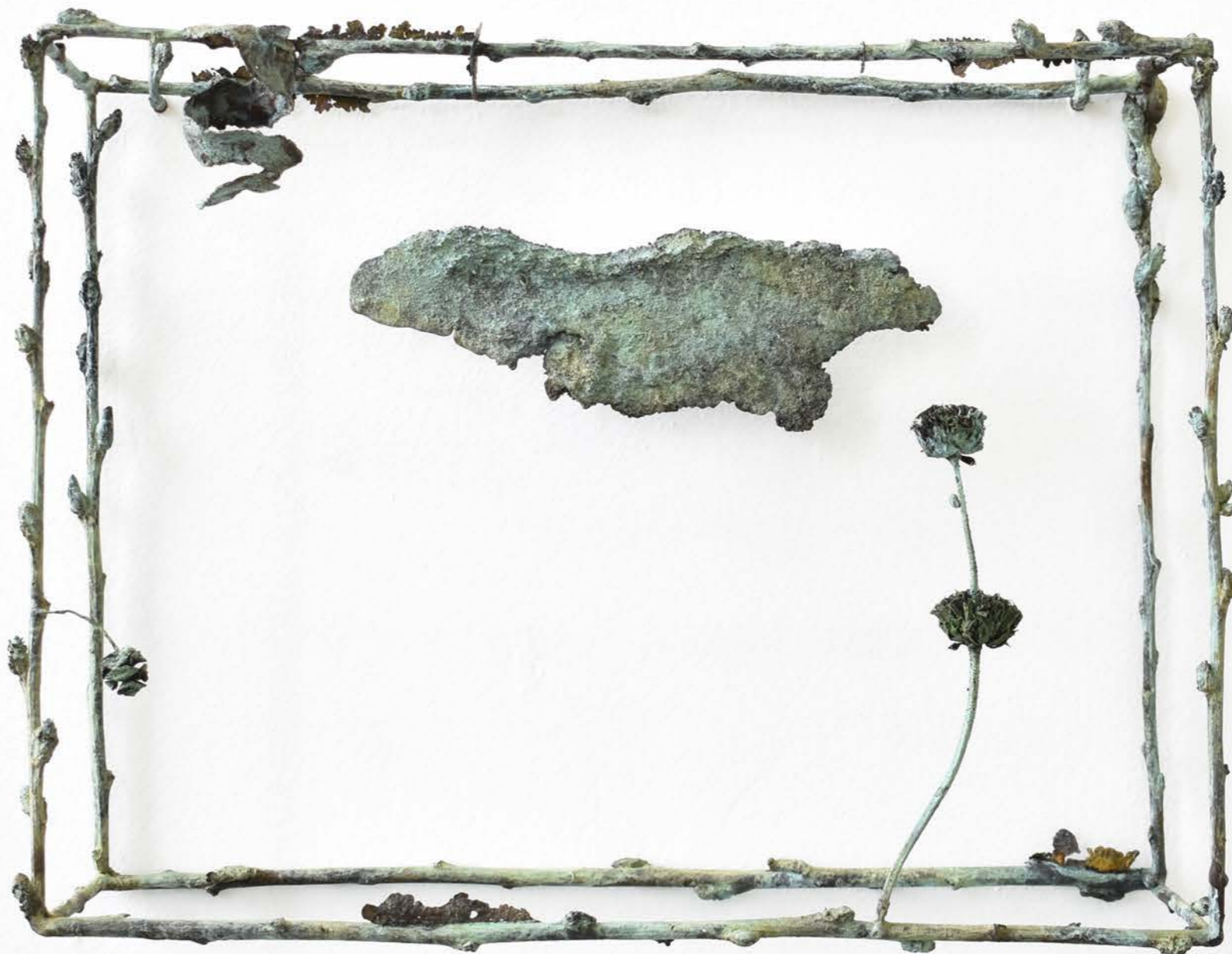
— Wanda Pimentel

Jesse Wine



In *Plein Air* (2026), Wine assembles a bronze composition of cast botanicals gathered during travels and from his immediate surroundings, translating fleeting organic matter into a porous, open framework. Leaves, stems and peels interlock into a delicate constellation that hovers between growth and decay, preserving the textures of plant life while suggesting an ongoing process of transformation. In *Ah, life* (2026), a ceramic sculpture, Wine turns to the standing figure, drawing loosely on *Standing Youth* by Wilhelm Lehmbruck, but reducing it to a near-schematic form. Perched on a post and seemingly on the verge of movement, the figure feels closer to a quick drawing than a labor-intensive sculpture, introducing a sense of speed and lightness that pushes against the weight of sculptural tradition. Together, the works balance permanence and fragility, rendering both botanical fragments and the human figure as transient structures held in a state of suspension.

Em *Plein Air* (2026), Jesse Wine reúne uma composição em bronze formada por botânicos fundidos, coletados em viagens e em seu entorno imediato, traduzindo matéria orgânica efêmera em uma estrutura porosa e aberta. Folhas cascas e caules se articulam em uma constelação delicada que oscila entre crescimento e decomposição, preservando as texturas da vida vegetal enquanto sugere um processo contínuo de transformação. *Ah, life* (2026), uma escultura em cerâmica, Wine retoma a figura em pé, partindo livremente de *Standing Youth* de Wilhelm Lehmbruck, mas reduzindo-a a uma forma quase esquemática. Apoiada sobre um poste e prestes a se mover, a figura se aproxima mais de um desenho do que de uma escultura laboriosa, introduzindo uma sensação de rapidez e leveza que tensiona a tradição escultórica. Juntas, as obras equilibram permanência e fragilidade, apresentando tanto fragmentos botânicos quanto a figura humana como estruturas transitórias, suspensas em um estado de passagem.



JESSE WINE

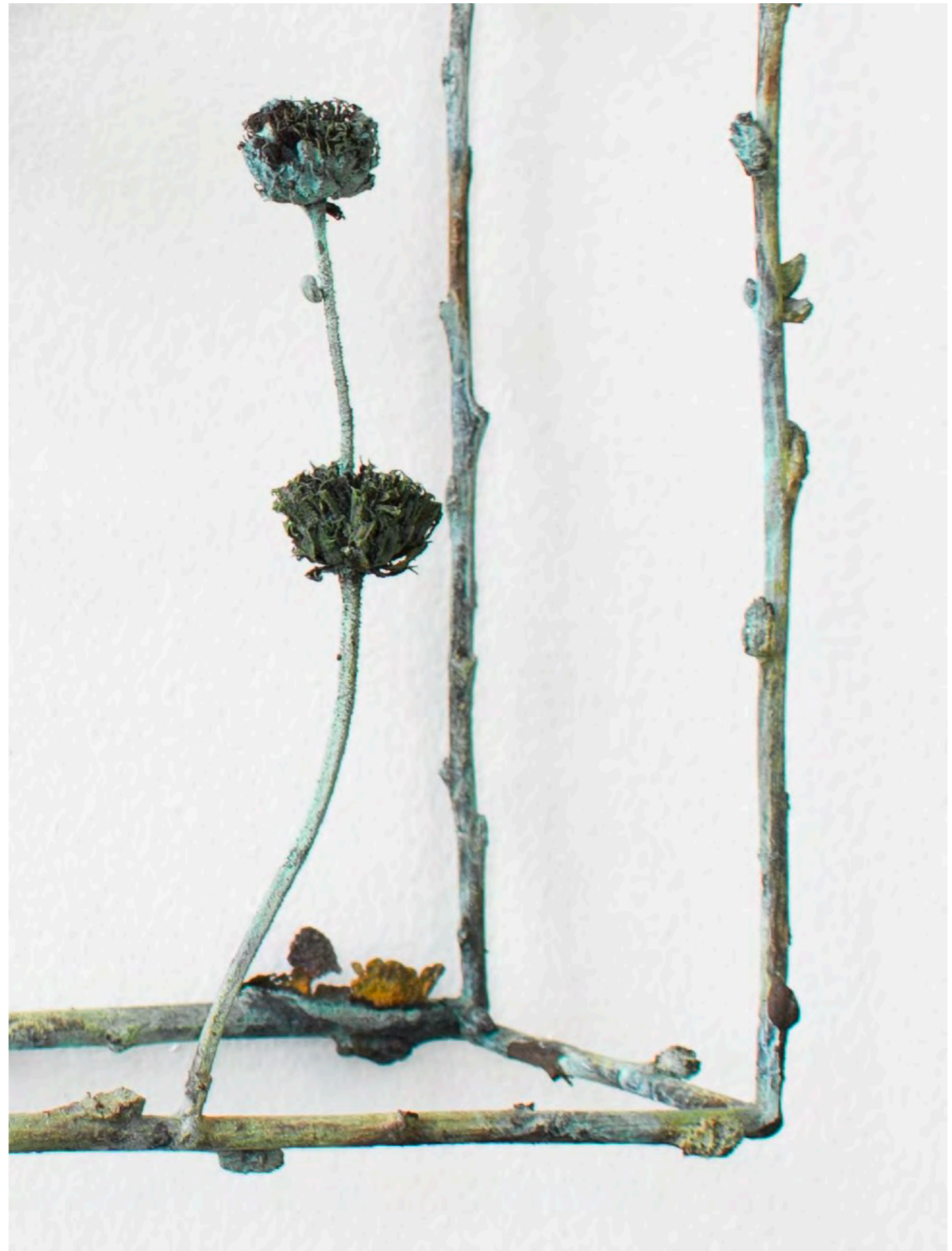
Plein Air, 2026

Bronze

33 x 43 x 12.7 cm [13 x 16.9 x 5 in]

USD 30,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]

JESSE WINE
Plein Air, 2026
Detail [detalhe]



JESSE WINE
Plein Air, 2026



Jesse Wine

Chester, Reino Unido, 1983

Working primarily in clay and bronze, Jesse Wine develops sculptural forms that move fluidly between figuration and abstraction. His practice centers on the body as both subject and structural device, often fragmenting or distending limbs into architectural supports. Clay is used for its responsiveness and gravity, allowing forms to register pressure, compression, and touch. Bronze enters the work through casting processes that preserve fragile organic matter, including plants gathered during travel. Across materials, Wine exploits contrasts between weight and lift, hardness and malleability. Architectural references anchor the sculptures spatially and conceptually. Autobiographical elements surface obliquely, embedded in motifs rather than narrated directly. These works function as material records of experience, memory, and movement through place. Wine's sculptures invite viewers to hold bodily, architectural, and natural forms in a state of productive suspension.

Among the artist's recent solo exhibitions are *Love and Other Strangers*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2026); *Time's Arrow*, The Modern Institute, Glasgow, Scotland (2025); *Both*, The Modern Institute, Glasgow, Scotland (2022); *Imperfect List*, Sculpture Center, New York, USA (2020); *Jesse Wine: Sludgy Portrait of Himself*, Kettle's Yard, Cambridge, UK (2016) e *Young man red*, Gemeentemuseum, Den Haag, Netherlands (2016); Baltic Center for Contemporary Art, Gateshead, UK (2014). He has also participated in the group shows *Artists for Kettle's Yard*, Kettle's Yard, Cambridge, UK (2026); and *Énormément bizarre*, Centre Pompidou, Paris, France (2025).

The artist has works in important public collections, such as Centre Pompidou, Paris, France; HEM Museum, Foshan, China; Arts Council Collection, London, UK e The Roberts Institute of Art, London, UK.

Jesse Wine trabalha principalmente com cerâmica e bronze, desenvolvendo formas escultóricas que oscilam entre figuração e abstração. Sua prática toma o corpo como matéria e estrutura, fragmentando ou distendendo membros que passam a operar como suportes arquitetônicos. A cerâmica é explorada por sua capacidade de responder ao gesto e à gravidade, registrando pressão, compressão e contato. O bronze aparece por meio de processos de fundição que preservam matérias orgânicas frágeis, como plantas coletadas ao longo de viagens. No diálogo entre materiais, o artista investiga tensões entre peso e leveza, rigidez e maleabilidade. Referências à arquitetura — edifícios modernistas, interiores domésticos e estruturas de sustentação — situam as esculturas no espaço e no campo conceitual. Elementos autobiográficos surgem de modo indireto, incorporados como motivos recorrentes, e não como relato. As obras funcionam como registros materiais de experiências, memórias e deslocamentos. A produção de Wine convida o público a manter em suspensão formas do corpo, da arquitetura e do mundo natural.

Entre suas exposições individuais recentes estão *Love and Other Strangers*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2026); *Time's Arrow*, The Modern Institute, Glasgow, Escócia (2025); *Both*, The Modern Institute, Glasgow, Escócia (2022); *Imperfect List*, Sculpture Center, Nova York, Estados Unidos (2020); *Jesse Wine: Sludgy Portrait of Himself*, Kettle's Yard, Cambridge, Reino Unido (2016) e *Young man red*, Gemeentemuseum, Den Haag, Holanda (2016); Baltic Center for Contemporary Art, Gateshead, Reino Unido (2014) . Participou também das coletivas *Artists for Kettle's Yard*, Kettle's Yard, Cambridge, Reino Unido (2026) e *Énormément bizarre*, Centre Pompidou, Paris, França (2025).

O artista tem trabalhos em importantes coleções públicas, tais como Centre Pompidou, Paris, França; HEM Museum, Foshan, China; Arts Council Collection, Londres, Reino Unido e The Roberts Institute of Art, Londres, Reino Unido.



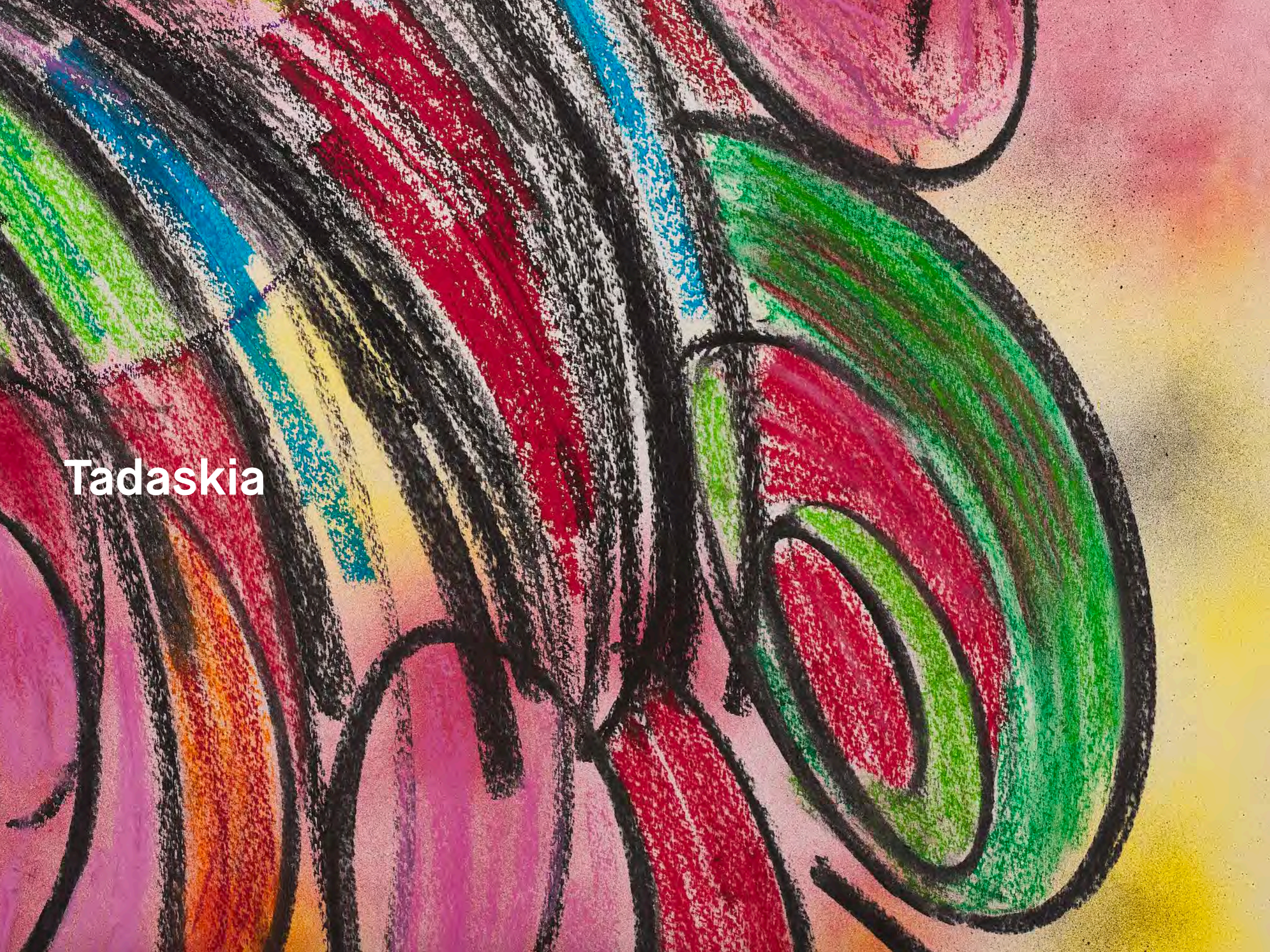
Jesse Wine
Ph. Letícia Rheingantz

"My sculpture is perched on a post, as if ready to spring up and into action. The work is a simplification of a form and an idea, it is more like a drawing than a sculpture, as if there are limited materials at one's disposal. It is as if the work was executed in 10 seconds, this butts up against the history of standing figure sculpture - always laborious in heavy material and drawn out process (stone/ metal/ wood). And in this gesture I am trying to achieve a lightness, a speed, a feeling of freedom from material."

"Minha escultura está apoiada sobre um poste, como se estivesse prestes a se lançar em ação. A obra é uma simplificação de uma forma e de uma ideia; aproxima-se mais de um desenho do que de uma escultura, como se houvesse poucos materiais à disposição. É como se tivesse sido executada em 10 segundos, em contraste com a história da escultura de figura em pé — sempre laboriosa, feita em materiais pesados e por meio de processos prolongados (pedra, metal, madeira). Nesse gesto, procuro alcançar uma leveza, uma rapidez, uma sensação de liberdade em relação à matéria."

— Jesse Wine

Tadaskia



In *b.b.n.n. two/does* (2025), Tadáskia composes a dense, centrifugal cluster of marks that appears to both gather and erupt from a darkened core. Radiating outward, layered strokes of dry pastel, oil pastel, and charcoal generate a pulsating structure in which vivid, petal-like forms and linear filaments interweave, suggesting a body in continuous expansion. The torn edges of the paper reinforce a sense of permeability, as if the image exceeds its own limits, while the sprayed ground—shifting between warm yellows, reds, and soft pinks—creates an atmospheric field that both contains and destabilizes the composition. The work oscillates between vegetal, animal, and abstract registers, evoking a morphology that is neither fixed nor singular but instead composed of proliferating parts in flux. Through this accumulation of color and gesture, Tadáskia articulates a state of ongoing transformation, where interior and exterior, structure and dispersal, remain in constant negotiation.

Em *b.b.n.n. two/does* (2025), Tadáskia compõe um aglomerado denso e centrífugo de marcas que parece ao mesmo tempo se condensar e irromper a partir de um núcleo escurecido. Irradiando para fora, camadas de pastel seco, pastel oleoso e carvão geram uma estrutura pulsante na qual formas vívidas, semelhantes a pétalas, e filamentos lineares se entrelaçam, sugerindo um corpo em contínua expansão. As bordas rasgadas do papel reforçam uma sensação de permeabilidade, como se a imagem excedesse seus próprios limites, enquanto o fundo pulverizado — em variações de amarelos, vermelhos e rosas suaves — cria um campo atmosférico que simultaneamente contém e desestabiliza a composição. A obra oscila entre registros vegetal, animal e abstrato, evocando uma morfologia que não é fixa nem singular, mas composta por partes proliferantes em fluxo. Por meio desse acúmulo de cor e gesto, Tadáskia articula um estado de transformação contínua, no qual interior e exterior, estrutura e dispersão, permanecem em constante negociação.



TÁDASKIA

b.b.n.n. two/does, 2025

Pastel seco, carvão, spray e pastel oleoso sobre papel

[Dry pastel, charcoal, spray and oil pastel on paper]

170 x 152 cm [66.92 x 59.84 in]

USD 25,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



TÁDASKIA
b.b.n.n. two/does, 2025

Tadáskia

Rio de Janeiro, Brazil, 1993

Pursuing transformation as an existential and formal premise, Tadáskia's paintings, drawings and sculptures create a universe of circulating references. Her world is one where enchantment, fable, and poetry build both visual meaning and narrative suggestions. The artist draws upon the history of the Trans community, Afro-Brazilian ancestry and Indigenous myths as tributaries of an ongoing and ever-shifting exploration. The different offshoots of Tadáskia's work share a throughline in her affinity with drawing. Simultaneously, markings and erasures, her traces in dry pastels, colored pencil, pen, or nail polish create graphic tangles that evoke fluttering beings without turning them recognizable. The torn edges of her paper supports lend a sense of continuity, like an unbound book with its pages gaining the environing space.

Among her solo exhibitions are Tadáskia and Ana Cláudia Almeida: A Joyner/Giuffrida Visiting Artists Program, Nevada Museum of Art, Reno, USA (2024); Projects: Tadáskia, MoMA – The Museum of Modern Art, New York, USA (2024); As Parecidas, Galeria Madragoa, Lisboa, Portugal (2023); rara ocellet, Galeria Joan Prats, Barcelona, Spain (2023) e Noite dia, Sé Galeria, São Paulo, Brazil (2022). Tadáskia was a highlight in the 35th Bienal de São Paulo – Coreografias do impossível (2023) and has also taken part in the group shows One Becomes Many, Perez Art Museum Miami, Miami, USA (2024); The Disagreement: A Theatre of Statements, Neue Kunstverein Wien, Vienna, Austria (2024).

The artist's works are in important public collections, such as MoMA—The Museum of Modern Art, New York, USA; The Nevada Museum of Art, Reno, USA; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA; and Kadist Foundation, Paris, France.

Perseguindo a transformação como premissa existencial e formal, as pinturas, desenhos e esculturas de Tadáskia criam um universo de referências circulantes. Seu mundo é aquele onde o encantamento, a fábula e a poesia constroem tanto significados visuais quanto sugestões narrativas. A artista recorre à história da comunidade trans, à ancestralidade afro-brasileira e aos mitos indígenas como afluentes de uma investigação contínua e em constante transformação. Os diferentes desdobramentos do trabalho de Tadáskia compartilham uma linha condutora em sua afinidade com o desenho. Simultaneamente marcas e apagamentos, seus traços com pastel seco, lápis de cor, caneta ou esmalte criam emaranhados gráficos que evocam seres esvoaçantes sem torná-los reconhecíveis. As bordas rasgadas dos suportes de papel conferem uma sensação de continuidade, como um livro sem encadernação cujas páginas ganham o espaço ao redor.

Entre suas exposições individuais, destacam-se Tadáskia and Ana Cláudia Almeida: A Joyner/Giuffrida Visiting Artists Program, Nevada Museum of Art, Reno, USA (2024); Projects: Tadáskia, MoMA – The Museum of Modern Art, Nova York, EUA (2024); Flores e frutas, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil (2023); As Parecidas, Galeria Madragoa, Lisboa, Portugal (2023); rara ocellet, Galeria Joan Prats, Barcelona, Espanha (2023) e Noite dia, Sé Galeria, São Paulo, Brasil (2022). A artista foi destaque na 35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do impossível (2023) e participou também das coletivas One Becomes Many, Perez Art Museum Miami, Miami, EUA (2024); The Disagreement: A Theatre of Statements, Neue Kunstverein Wien, Viena, Áustria (2024).

A artista tem obras em importantes coleções públicas, como MoMA – The Museum of Modern Art, Nova York, EUA; The Nevada Museum of Art, Reno, EUA; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA e Kadist Foundation, Paris, França.



"When I draw, I close my eyes, I have a habit of closing my eyes and opening my eyes. What is at stake in the drawing is the movement of my hand and how the paper or surface will receive this flight, this play, this line. And, many times, the line bends toward a place I hadn't noticed, because, since I have my eyes closed, it goes places that I, even though I think it's a place I'd imagined, when I open my eyes, it's another place or the lines got tangled up"

"Quando eu desenho, eu fecho os olhos, tenho o hábito de fechar os olhos e abrir os olhos. O que está em jogo no desenho é o movimento da minha mão e como o papel ou a superfície vai receber esse voo, esse jogo, essa linha. E, muitas vezes, a linha se curva em direção a um lugar que eu não tinha notado, porque, como estou de olhos fechados, ela vai para lugares que, mesmo eu achando que era um lugar que eu tinha imaginado, quando eu abro os olhos, é outro lugar ou as linhas se embaralham."

— Tadáskia



Erika Verzutti

Two distinct yet intercommunicating branches of Verzutti's practice emerge in *Praia noturna com jangadas* (2022) and *Venus with drawing / Vênus com desenho* (2022). In the first, a painted bronze wall relief, abstract forms recall aquatic life and fragments of driftwood, suggesting an encounter between sand and sea. The surface condenses organic matter and geological memory, hovering between landscape and trace. In the second, Verzutti turns to a totemic figure that directly references the Venus of Willendorf, activating archaeological associations with femininity and fertility. This archaic register is offset by a contemporary aura, visible in the sheen of the material and the organic spontaneity of the gestures inscribed across its surface. If each work is grounded in a different register—from the maritime to the corporeal to the terrestrial—together they outline a sculptural practice that operates as a site of friction between matter, time, and image, where divergent temporalities and material conditions converge and transform.

Duas vertentes distintas e intercomunicantes da prática de Verzutti emergem em *Praia noturna com jangadas* (2022), e *Venus with drawing / Vênus com desenho* (2022). Na primeira, um relevo de parede em bronze pintado, formas abstratas evocam vida aquática e fragmentos de madeira à deriva, sugerindo um encontro entre areia e mar. A superfície condensa matéria orgânica e memória geológica, oscilando entre paisagem e vestígio. Na segunda, Verzutti recorre a uma figura totêmica que remete diretamente à Vênus de Willendorf, ativando associações arqueológicas com feminilidade e fertilidade. Esse registro arcaico é tensionado por uma aura contemporânea, visível no brilho do material e na espontaneidade orgânica dos gestos inscritos em sua superfície. Se cada obra se ancora em um registro distinto — do marítimo ao corpóreo ao terrestre —, juntas delineiam uma prática escultórica que opera como um campo de fricção entre matéria, tempo e imagem, onde temporalidades e condições materiais divergentes convergem e se transformam.



ERIKA VERZUTTI

Praia Noturna com Jangadas / Nocturne Beach with Rafts, 2022

Óleo sobre bronze [Oil on bronze]

42 x 35 x 4 cm [16.5 x 13.7 x 1.5 in

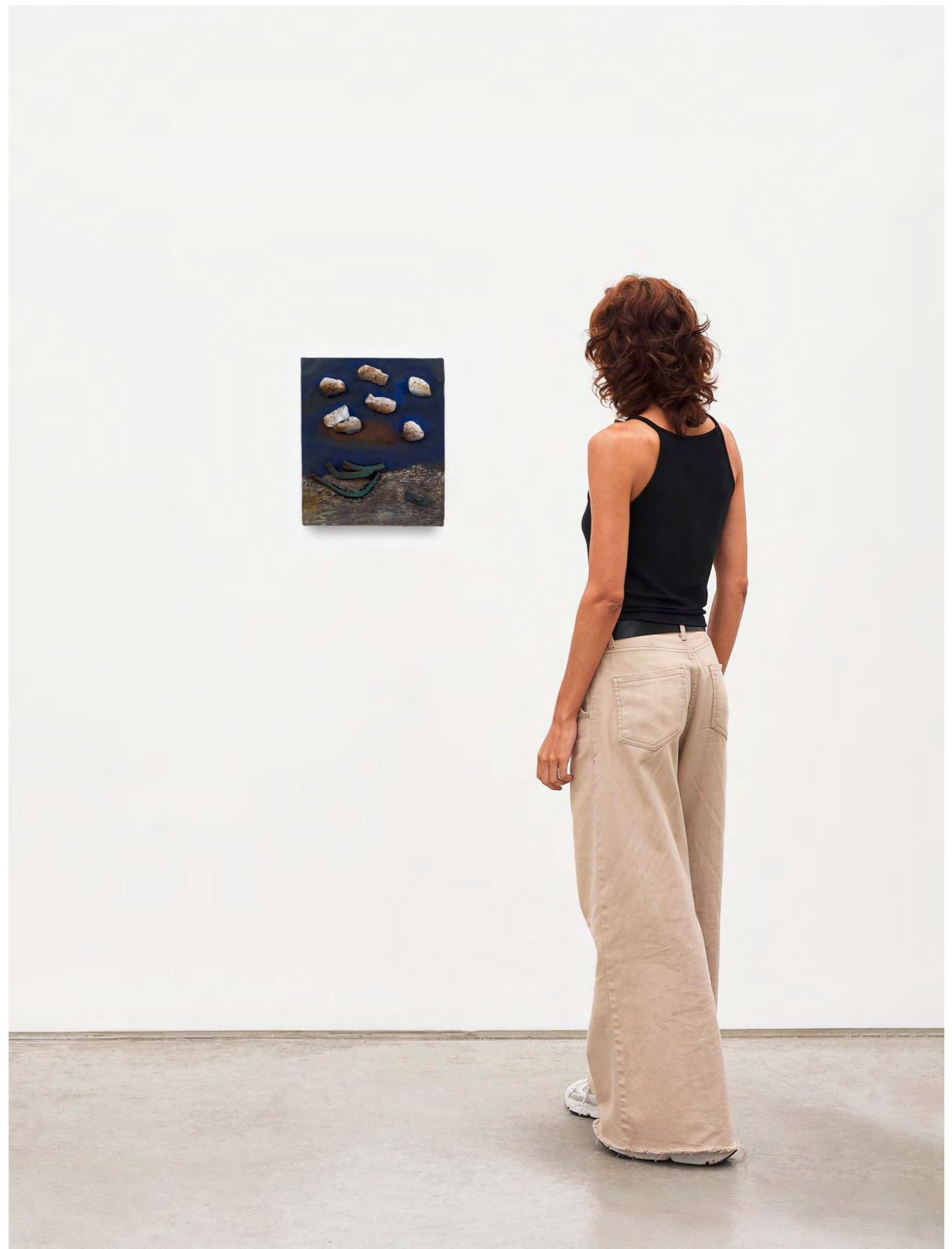
Edição de [Edition of] 3 + 2 AP | 3/3

USD 46,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



ERIKA VERZUTTI
Praia Noturna com Jangadas / Nocturne Beach with Rafts, 2022

ERIKA VERZUTTI
Praia Noturna com Jangadas / Nocturne Beach with Rafts, 2022



ERIKA VERZUTTI

Venus with Drawing / Vênus com Desenho, 2022

Bronze

60 x 38 x 38 cm [23.6 x 14.9 x 14.9 in]

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP | 1/3

USD 55,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



ERIKA VERZUTTI
Venus with Drawing / Vênus com Desenho, 2022
Detail [detalhe]



Erika Verzutti

São Paulo, Brasil, 1971

Erika Verzutti works with papier-mâché, bronze, plaster, concrete, wax, acrylic and oil paint, occupying the meeting place of painting and sculpture, in a comprehensive and omnivorous practice. Her forms can spring from eggs, animals, fruits and vegetables, as well as from an empirical manual molding process. The surfaces of her sculptures are frequently rugged, scratched, furrowed and cut up. Her process encounters an interplay between material properties and symbolic overtones, reprocessing both modernist sculpture and vernacular construction. The artist connects an archaeological temporality with the contemporary rhythm, like an infinite scroll, through her tactile work that shelters disparate elements without hierarchizing them. The network of allusion created by Verzutti's sculptures produces a field of resonances between the constructed figures and the cultural references that their contours and silhouettes evoke.

Recent solo exhibitions include *Sculptures Last Night*, Pourquoi Paris?, Hotel Balzac, Paris, France (2025); *Sculptures With Wind*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2025); *The Life of Sculptures*, LUMA Arles, Arles, France (2024); *Notizia*, ICA Milano, Milan, Italy (2024); *Erika Verzutti: New Moons*, CCS Bard Galleries, Annandale-On-Hudson, USA (2023); *A indisciplina da escultura*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil (2021) and *Erika Verzutti*, Centre Pompidou, Paris, França (2019).

Verzutti's work has been included in important public collections, such as Tate Modern, London, UK; The Solomon R. Guggenheim Museum, New York, USA; Centre Georges Pompidou, Paris, France; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Inhotim, Brumadinho, Brazil; Carnegie Museum of Art, Pittsburgh, USA; Pinault Collection, France.

Erika Verzutti trabalha com papel machê, bronze, gesso, concreto, tinta acrílica, óleo e cera, ocupando a zona de contato entre a pintura e a escultura, numa prática abrangente e onívora. Suas formas podem partir de ovos, animais, frutas e verduras, como também de um processo empírico de moldagem manual. As superfícies de suas esculturas são frequentemente rugosas, riscadas, escavadas e recortadas, impondo notações da artista às formas reconhecíveis ou abstratas. Sua prática encontra um intercâmbio entre propriedades materiais e carga simbólica, reprocessando tanto a escultura modernista quanto a construção vernacular. A artista conecta uma temporalidade arqueológica com o ritmo contemporâneo, como um *scroll* infinito, através do seu fazer tátil que abriga elementos díspares sem hierarquizá-los. A rede de alusão criada pelas esculturas de Verzutti produz um campo de ressonâncias entre as figuras construídas e as referências culturais que seus contornos e silhuetas evocam.

Suas exposições individuais incluem *Sculptures Last Night*, Pourquoi Paris?, Hotel Balzac, Paris, França (2025); *Esculturas com vento*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2025); *The life of sculptures*, LUMA Arles, Arles, França (2024); *Notizia*, ICA Milano, Milão, Itália (2024); *Erika Verzutti: New Moons*, CCS Bard Galleries, Annandale-On-Hudson, Estados Unidos (2023); *Tantra*, Museo Experimental El Eco, Cidade do México, Mexico (2023); *A indisciplina da escultura*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil (2021); *Erika Verzutti*, Centre Pompidou, Paris, França (2019).

A artista tem trabalhos em importantes coleções públicas, tais como Tate Modern, Londres, Reino Unido; The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos; Centre Georges Pompidou, Paris, França; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Inhotim, Brumadinho, Brasil; Carnegie Museum of Art, Pittsburgh, Estados Unidos; Pinault Collection, França.



Erika Verzutti
Ph Luisa Dorr

"The making of an artwork is like an egg being plopped. I have this fantasy of making my work permanently "fertile" by creating a forest of knowledge and affection out of which works would blossom or be expelled or excreted."

"A criação de uma obra é como um ovo sendo posto. Tenho essa fantasia de tornar meu trabalho permanentemente "fértil", criando uma floresta de conhecimento e afeto da qual as obras brotariam — ou seriam expelidas, ou excretadas."

— Erika Verzutti

Rodrigo Cass



A new group of works, including *Signals* (2026), *Breath!* (2026), and *To be rigid, to flex* (2026), extends Cass's investigation into the making and unmaking of geometry through a quieter, more contemplative register. Concrete elements mark space in measured, rhythmic intervals, establishing a sense of order that is gradually unsettled as sections begin to drift, tilt, or subtly diverge from one another. What first appears as a stable system reveals itself as contingent, its internal logic gently loosening over time.

Within this restrained field, small deviations accumulate, producing a spatial experience that feels slightly unmoored, as if structure were subject to a slow, internal sway. The works hold tension between fixity and release, where geometry is not given but continually adjusted, tested, and undone. In an atmosphere of suspension, form becomes attuned to duration and perception, allowing space to register as something felt as much as constructed.

Um novo conjunto de obras, incluindo *Signals* (2026), *Breath!* (2026) e *To be rigid, to flex* (2026), amplia a investigação de Cass sobre a construção e a desestabilização da geometria em um registro mais silencioso e contemplativo. Elementos de concreto marcam o espaço em intervalos rítmicos e regulares, instaurando uma ordem que se torna gradualmente instável à medida que partes passam a se deslocar, inclinar ou divergir entre si. O que inicialmente se apresenta como um sistema estável revela-se contingente, com sua lógica interna se afrouxando de maneira quase imperceptível.

Nesse campo contido, pequenas variações se acumulam e produzem uma experiência espacial levemente desnorteante, como se a estrutura estivesse submetida a um balanço interno e contínuo. As obras sustentam uma tensão entre fixidez e flexão, na qual a geometria não é dada, mas constantemente ajustada, testada e desfeita. Numa atmosfera suspensa, a forma se torna sensível à duração e à percepção, permitindo que o espaço se manifeste tanto como construção quanto como experiência.

RODRIGO CASS

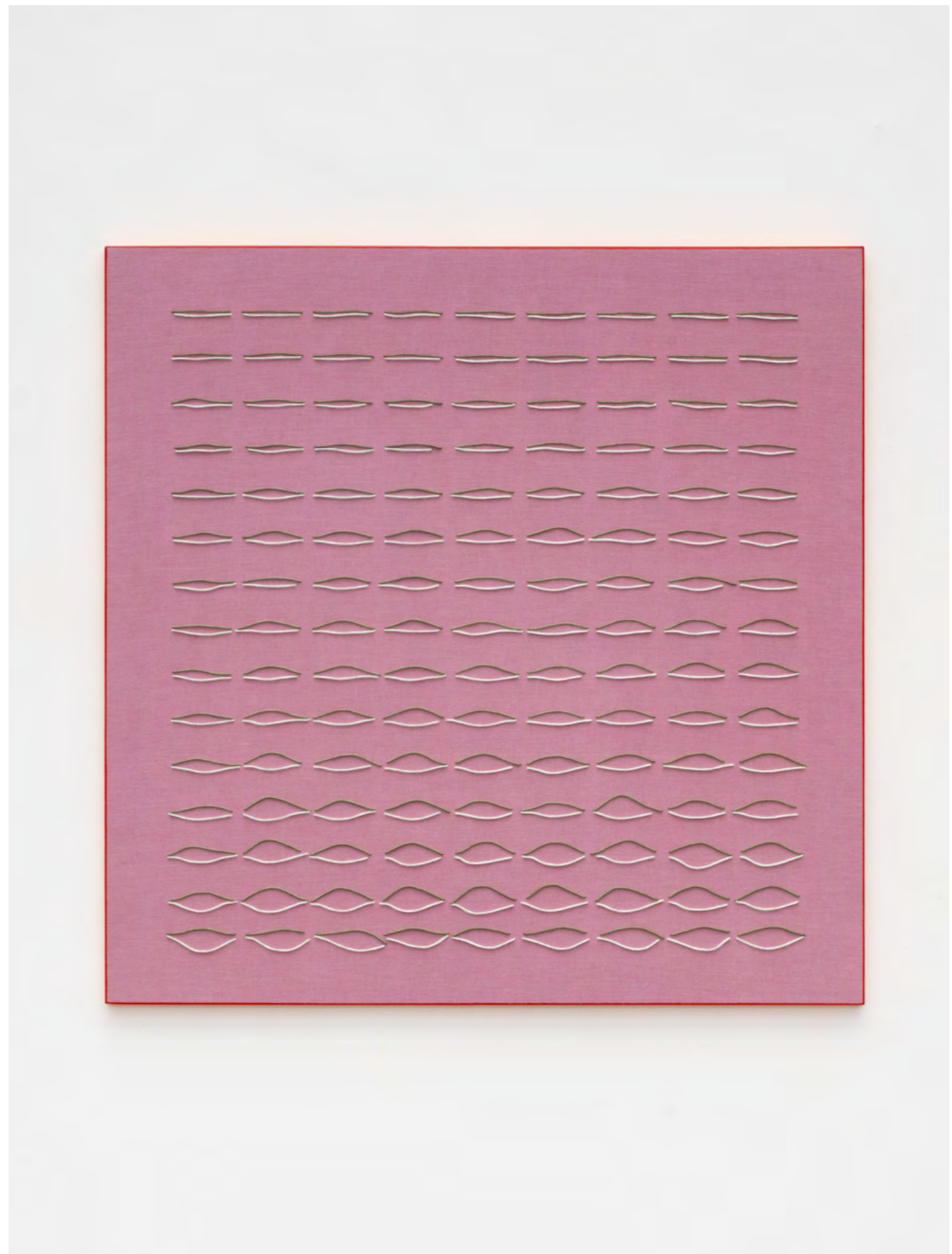
Breath!, 2026

Concreto, concreto branco e têmpera sobre linho

[Concrete, white concrete and tempera on linen]

100 x 100 x 3 cm [39.4 x 39.4 x 1.2 in]

USD 25,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



RODRIGO CASS
Breath!, 2026



RODRIGO CASS

Signals, 2026

Concreto branco e têmpera sobre linho

[White concrete and tempera on linen]

100 x 100 x 3 cm [39.4 x 39.4 x 1.2 in]

USD 25,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



RODRIGO CASS

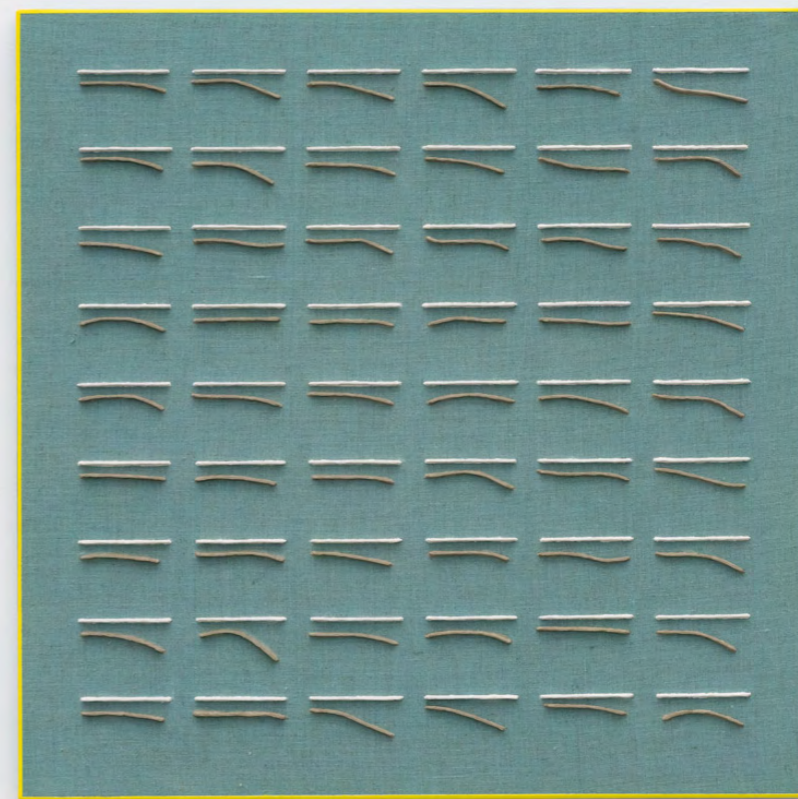
To be rigid, To flex, 2026

Concreto, concreto branco e têmpera sobre linho

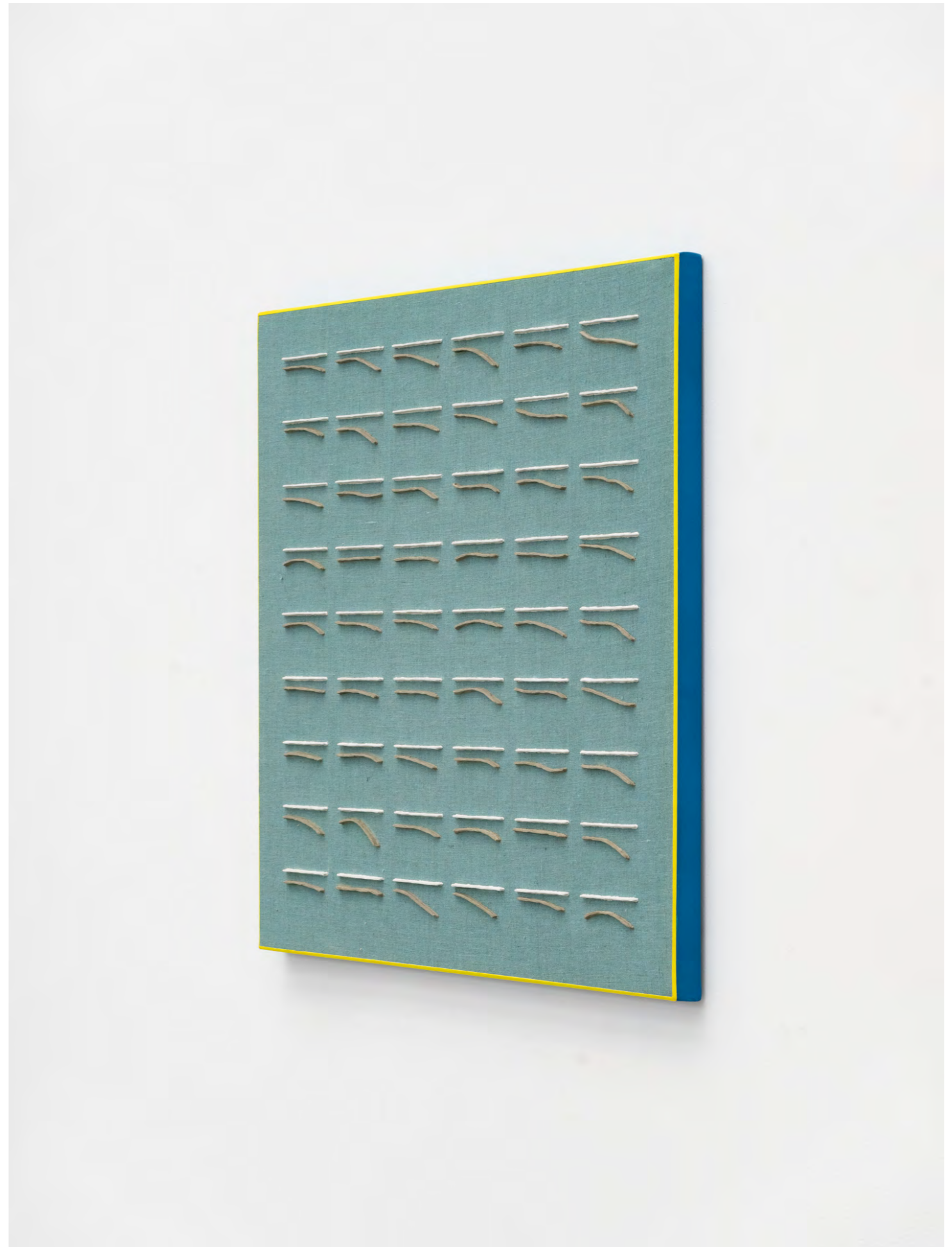
[Concrete, white concrete and tempera on linen]

50 x 50.5 x 3 cm [19.7 x 19.9 x 1.2 in]

USD 15,000 + applicable taxes [taxas aplicáveis]



RODRIGO CASS
To be rigid, To flex, 2026



RODRIGO CASS
To be rigid, To flex, 2026



Rodrigo Cass

São Paulo, Brasil, 1983

Rodrigo Cass's practice develops from a rigorous formal vocabulary focused on structures, cuts, and discontinuities within the pictorial plane, unfolding into space through canvases, reliefs, and video. His work brings together materials such as concrete, fiberglass, and linen—often colored with tempera—in compositions where planar surfaces extend into volumetric propositions. Having lived and trained within the Carmelite order, Cass approaches abstraction as a means of investigating the spiritual dimensions of color and form, in dialogue with the visions and mysteries of the sacred. In his video works, projected onto sculptural supports, repetitive actions unfold with measured cadence, gradually introducing processes of metamorphosis in which materials shift states, accumulate, erode, or recombine. These sequences lend duration to his inquiry into form, allowing transformation itself to register as a physical and perceptual event.

His recent solo exhibitions include *Rodrigo Cass: A Joyner/Giuffrida Visiting Artist Program*, Nevada Museum of Art, Nevada, USA (2025); *libera abstrahere*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2023); *Figures, Gestures and Passages*, Anthony Meier Fine Arts, San Francisco, USA (2019); *Espiritual-Vivente-Respira*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brazil (2018); *Mundo Vasto Mundo*, Fortes D'Aloia & Gabriel | Escritório Lisboa, Lisbon, Portugal (2018) and *Até o Concreto*, Fortes Vilaça, São Paulo, Brazil (2016). Among his latest group shows is *Estalo – 13° Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2025).

The artist's work has been included in important public collections, such as Centre Georges Pompidou, Paris, France; TBA21 – Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Vienna, Austria; MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil; Pinacoteca de Piracicaba, Piracicaba, Brazil; Fundação Rômulo Maiorana, Belém, Brazil; Casa do Olhar Luiz Sacilotto, Santo André, Brazil.

A prática de Rodrigo Cass se desenvolve a partir de um vocabulário formal rigoroso, voltado à investigação de estruturas, cortes e discontinuidades no plano pictórico, que se desdobram no espaço por meio de telas, relevos e vídeo. Seu trabalho articula materiais como concreto, fibra de vidro e linho — frequentemente tingidos com têmpera — em composições nas quais superfícies planas se expandem em proposições volumétricas. Tendo vivido e se formado no âmbito da ordem carmelita, Cass aborda a abstração como um meio de investigar as dimensões espirituais da cor e da forma, em diálogo com visões e mistérios do sagrado. Em seus vídeos, projetados sobre suportes escultóricos, ações repetitivas se desenvolvem em cadência medida, introduzindo gradualmente processos de metamorfose nos quais materiais mudam de estado, se acumulam, se desgastam ou se recombina. Essas sequências conferem duração à sua investigação sobre a forma, tornando a transformação ela própria perceptível como um evento físico e sensível.

Suas exposições individuais recentes incluem *Rodrigo Cass: A Joyner/Giuffrida Visiting Artist Program*, Nevada Museum of Art, Nevada, Estados Unidos (2025); *libera abstrahere*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2023); *Figures, Gestures and Passages*, Anthony Meier Fine Arts, San Francisco, Estados Unidos (2019); *Espiritual-Vivente-Respira*, Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2018); *Mundo Vasto Mundo*, Fortes D'Aloia & Gabriel | Escritório Lisboa, Lisboa, Portugal (2018) e *Até o Concreto*, Fortes Vilaça, São Paulo, Brasil (2016). Entre suas exposições coletivas mais relevantes, destacam-se *Estalo – 13° Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2025).

O artista tem obras em importantes coleções públicas, entre elas Centre Georges Pompidou, Paris, França; TBA21 – Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Viena, Áustria; MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil; Pinacoteca de Piracicaba, Piracicaba, Brasil; Fundação Rômulo Maiorana, Belém, Brasil; Casa do Olhar Luiz Sacilotto, Santo André, Brasil.



Rodrigo Cass
Ph Eduardo Ortega

"Being revolutionary means using art, video and drawing to do things that cannot be done in real life. This is the definition of the word "revolution" that I like the most, a radical transformation."

"Ser revolucionário significa usar arte, vídeo e desenho para fazer coisas que não podem ser feitas na vida real. Essa é a definição da palavra 'revolução' de que mais gosto: uma transformação radical."

— Rodrigo Cass

Fortes D'Aloia & Gabriel

www.fdag.com.br | info@fdag.com.br

Barra Funda

Rua James Holland 71
01138-000 São Paulo Brasil

Jardins

Rua Barão de Capanema 343
01411-010 São Paulo Brasil

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971
22470-051 Rio de Janeiro Brasil